UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS - IHAC
CAMPUS SOSÍGENES COSTA - CSC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS / PPGER

SARARÁ TRANS: PRODUÇÃO E RECEPÇÃO CULTURAL DA TRANSGENERIDADE NEGRA

Khalil de Santana Piloto
Orientadora: Profª Dra. Dodi Tavares Borges Leal

Porto Seguro
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS - IHAC
CAMPUS SOSÍGENES COSTA - CSC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS / PPGER
KHALIL DE SANTANA PILOTO

SARARÁ TRANS: PRODUÇÃO E RECEPÇÃO CULTURAL DA TRANSGENERIDADE NEGRA

Dissertação apresentada ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências / IHAC e ao Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais / PPGER da Universidade Federal do Sul da Bahia no Campus Sosígenes Costa, para obtenção do título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Dodi Tavares Borges Leal.

Porto Seguro
2020

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia – Sistema de Bibliotecas

P643s Piloto, Khalil de Santana, 1986 -
Sarará Trans: produção e recepção cultural da transgeneridade negra. / Khalil de Santana Piloto. – Porto Seguro, 2022.
68 p.

Orientadora: Dodi Tavares Borges Leal
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais. Campus Sosígenes Costa.

1. Negritude Transgênera. 2. Ancestralidade. 3. Enfretamento. 4. Opressão. 5. Transfobia. 6. Racismo. 7. Autotinografia. 8. Autoralidade. I. Leal, Dodi Tavares Borges. II. Título.

CDD: 305.3

Bibliotecário: Lucas Sousa Carvalho – CRB5/1883

KHALIL DE SANTANA PILOTO

SARARÁ TRANS: PRODUÇÃO E RECEPÇÃO CULTURAL DA TRANSGENERIDADE NEGRA

Aprovação em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Dra. Dodi Tavares Borges Leal
UFSB

_____

Profª Dra. Jaqueline Gomes de Jesus
IFRJ/UFRRJ

_____

Profª Dra. Pâmela Peregrino da Cruz
UFSB

_____

Profª Dra. Rebeca Valadão Bussinger
UFSB

_____

Renata da Silva Carvalho
UNICSUL

Porto Seguro

2020

RESUMO

Esta pesquisa assume um papel baseado em penetrações da negritude transgênera subalternas às vias culturais, a partir das manifestações do sujeito transgênero negro em comunidades periféricas, em parceria com a Abayomi Casa de Cultura que propõe um espaço de encontros preciosos, envolvendo arte e ancestralidade à possibilitar a anti-colonialidade no aspecto social dentro e fora deste espaço, permitindo uma vivência epistemologia em relação às afetividades e convívio social para além de seu autoconhecimento como pessoa transgênera, autoetnografia e a da autoralidade no desenvolvimento desta escrita. Conceituando metodologias específicas em que a arte e as ações pedagógicas possibilitem abordagens significativas no meio periférico proporcionando um espaço acolhedor a fim de discutir meios de enfrentamento à opressão, como processo libertador. Estabelecendo parceria com pessoas transgêneras brancas e cisgêneras negras, movimentando questões políticas e sociais das desobediências de gênero propondo a partir do eixo artístico processos decoloniais como fonte poderosa nos processos de ensino e aprendizagem tanto no campo artístico quando no campo educacional.

A função deste projeto é estabelecer um centro de desenvolvimento artístico periférico através das expressões artísticas e das rodas de conversa, estabelecendo conexões entre as vivências da pretitude trans. Possibilitando diálogos multilaterais envolvendo a todas/os/es sendo elas/es em classe, gênero e raça.

Nesta dissertação proponho uma interação acerca das minhas vivências e como me construo quanto homem trans negro durante o percurso de criação, possibilitando o desenvolvimento desta pesquisa a partir da ancestralidade afrodescendente.

Palavras-chaves: negritude transgênera, ancestralidade, enfrentamento, opressão, transfobia, racismo, autotinografia, autoralidade.

ABSTRACT

This research assumes a role based on penetrations of transgender blackness subaltern to cultural paths, from the manifestations of the black transgender subject in peripheral communities, in partnership with Abayomi Casa de Cultura that proposes a space of precious encounters, involving art and ancestry to enable the anti-coloniality in the social aspect inside and outside this space, allowing an epistemological experience in relation to affectivities and social life beyond their self-knowledge as a transgender person, autoethnography and that of authorship in the development of this writing. Conceptualizing specific methodologies in which art and pedagogical actions enable significant approaches in the peripheral environment, providing a welcoming space in order to discuss ways of coping with oppression, as a liberating process. Establishing a partnership with white transgender and black cisgender people, moving political and social issues of gender disobedience, proposing decolonial processes from the artistic axis as a powerful source in the teaching and learning processes both in the artistic field and in the educational field.

The function of this project is to establish a center of peripheral artistic development through artistic expressions and conversation circles, establishing connections between the experiences of trans blackness. Enabling multilateral dialogues involving all, being them in class, gender and race.

In this dissertation I propose an interaction about my experiences and how I build myself as a black trans man during the course of creation, enabling the development of this research from Afro-descendant ancestry.

Keywords: transgender blackness, ancestry, confrontation, oppression, transphobia, racism, autotyping, authorship.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
1. INTRO-DU-ZINDO NAS NÁDEGAS: Homem de Buceta 06
1.1 Um pico atrás do outro: a transgeneridade como marca social 10
1.2 Um outro atrás do pico: a marca social da negritude 14
1.3 A pica da outra: processos educacionais e cultural na margem 16
2. TEORIAS DO CORPO DILUÍDO: o corpo que se lê e o corpo que se ouve 21
2.1 Ciscatriz ou cicatrans? Psicoemocionais e físicas! 24
2.1.1 Dissidente: olhar crítico às falsas diversidades 26
2.1.2 Desobediente: sou trans do meu jeitinho 28
2.1.3 Persistente, não perCIStente: cisgeneridade tóxica 29
2.2 Paletas de pele: elos de uma corrente (in)visível 30
2.2.1 Paleta eurobrasileira gelada e pálida: a negritude forjada pela escravidão 32
2.2.2 Paleta brasileirinha de chocolate com leite condensado: a negritude de pele clara, a mente colonizada e o embranquecimento da raça 35
2.2.3 Paleta afrobrasileira de framboesa preta com jamelão: o racismo institucional 36
2.3 Fases da lua: enraizando a negritude trans 36
2.4 Produção e recepção cultural: sonhar grande ou pequeno dá o mesmo trabalho 37
3. EPISTEMOLOGIAS DA SARRADA: Críticas e deboches 38
3.1 *Que passabilidade beu abô?* Etnografia pajubá 40
3.2 Abayomi Casa de Cultura: alianças com pessoas cis pretas e trans brancas 40
3.3 Análise: parâmetros de produção e de recepção cultural 42
4. SARARÁ TRANS: um sarau do protagonismo da negritude trans 44
4.1 Nova: um parto trans 47
4.2 Crescente: ancestralidade transnegra 49
4.3 Cheia: da força 51
4.4 Minguante: uma pausa pandêmica 53
5. PENETREI E AGORA? 56
5.1 O Evangelho Segundo Jesus Rainha do Céu: Jesus Travesti 57
5.2 Verônica Decide Morrer: Por Muitas Verônicas 57
5.3 Café da Manhã com Poesia: Gozadas Poéticas 60

6. PASSO LARGO SEM FINAL 61
7. REFERÊNCIAS 63
8. APÊNDICES 67

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo uma investigação/intervenção das experiências de como se manifesta o indivíduo transgênero negro no âmbito social, e de que forma o eixo artístico e pedagógico pode possibilitar a decolonialidade no aspecto social dentro e fora deste espaço, através de uma vivencia etnográfica. Logo, assume a forma metodológica (auto)biográfica, evidenciando a visibilidade social das desobediências de gênero, e suas relações entre o corpo que se lê e o corpo que se ouve, na construção de seu autoconhecimento como transgênero, suas relações de afetividade e convívio social, adaptando o espaço às necessidades de inclusão do indivíduo trans, assim como, abordagens significativas proporcionando uma relação mais acolhedora ao sujeito na intenção de erradicar a opressão e violências sofridas pelas dissidências sexuais e desobediências de gênero.

Apontando inquietações ao longo do desenvolvimento da escrita e das experiências vivenciadas durante a pesquisa, gerando a construção do Sarará Trans como produto e laboratório para tal ação. Sendo apresentado na Abayomi Casa de Cultura, situada na zona periférica da cidade de Porto Seguro, interior da Bahia.

O Sarará Trans trata-se de um sarau que visa o protagonismo da negritude trans, exercendo dinamicamente diversas vertentes de diálogos atribuídas aos marcadores que nos atravessam em gênero, classe e raça. Utilizando do eixo artístico como manobra nos processos decoloniais na constante luta de hackeamento dos espaços, da visibilidade da pretitude periférica trans e suas conexões atreladas a cisgeneridade preta e a transgeneridade branca.

Para Spivak (p. 13, 2010), não somente o subalterno pode falar, quanto ele pode e deve se auto-representar, questionando os limites da representatividade do colonizador para com o colonizado. O poder de fala dos subalternos que vivem às margens da sociedade é a representação viva do patriarcado hegemônico branco que perpetua a colonização em várias esferas. Educacional. Religioso. Político. Cultural. Social! Uma denúncia as ciscatrizes[1] geridas pelos processos cisheteronormativos, sobreposta à transgeneridade negra.

[1] A palavra ciscatrizes é uma critica às cicatrizes psicológicas e físicas geradas pelo patriarcado cisheteronormativo. Cis = cisgênero.

1. INTRO-DU-ZINDO NAS NÁDEGAS: Homem de Buceta

Penetrando na carne, seca e despreparada, como num susto, adentra-lhe a pele rompendo cada camada, célula por célula. Primeiro arromba-lhe a epiderme, que é a camada mais superficial da pele, depois arrebenta-lhe a derme, que por sua vez é a camada intermediária entre a epiderme e a hipoderme, e por fim dilacera-lhe a hipoderme, que é a camada mais interna constituída por células, fibras e vasos sanguíneos, um pouco a frente despejo todo o veneno de 2 ml que um dia me matará por tantas picadas que me diminuem os dias, mas, nela também escorre o líquido que me liberta de todas as amarras, correntes e algemas que me viola e que me força a viver como fui designado pelo patriarcado cisheteronormativo branco. Distinto, de quem me mapiei e me constituí.

Faço do faz de conta que uma picada me elevará ao ápice, assim como venho me lapidando fisicamente e socialmente, politizando meu corpo, mas, a cor que me faz o prato de comida, que me põe a mesa, não me permite brincar de faz de conta.

Nasci no extremo sul da Bahia numa cidade de interior, com cerca de vinte mil habitantes, onde cresci até meus 10 anos de vida, como uma criança cheia de vontade e inocência, com meu corpo violentado desde os seis pelas crianças que cresceram comigo, sangue do mesmo sangue, aprendi que a genital que rompia-me as vestes era a mesma que me faltava entre as pernas, mas cresci, cresci omitindo o fato de eu não ter uma genitália como a que me penetrava, omiti o fato de terem me penetrado a borboleta que escondia a caverna que tanto foi desejada por aqueles que me cercavam.

Lembro-me do meu primeiro amor aos sete anos. Uma garota de cabelos com cachinhos dourados, que caminhava pela minha rua, com sua saia rodada e uma camisetinha branca com bolinhas pretas, seu sorriso brilhava como a luz do sol ou como o dourado de seus cabelos cacheados, eu olhei pra ela com a doçura e a ternura de meu primeiro amor, no mesmo instante mapiando cada traço dela, por nenhum instante comparei aos meus, ela era uma garota socialmente normatizada pelo cis-sistema[2] e eu um garoto, ainda desconhecido até pra mim.

Aquele cis-sistema a qual vivemos e aprendemos desde cedo, que deslegitima a existência de qualquer gênero além da cisbinariedade, cujo padrão é a cisgeneridade, onde o homem e a mulher são definidos a partir do órgão genital. Romano destaca:

[2] Faço o uso da palavra cis-sistema para enfatizar e incendiar o processo sistemático opressor cisnormativo, destacando a necessidade decolonial de romper todas as barreiras entoadas pelo cis-sistema

> Tão logo os comportamentos são aprendidos e assemelhados a uma espécie de expressão original da pessoa, marcada pela cisgeneridade compulsória no nascimento e reiterada por uma dita "essência gendrada", eles passam a alimentar o ciclo da Lei (cuja estratégia é não se anunciar como ideologia, mas como natureza), servindo também como exemplo numa coletividade. Colaboram para a manutenção desses padrões as mais variadas instituições, da família à medicina, e da escola ao aparato jurídico e à religião; de tal modo que o que se opera entre a pessoa e o meio é um processo de ajuste, do qual não parece haver saída. O menino será igual ao homem, a menina, igual à mulher; porque assim foi ordenado pela ordem divina, respaldada pela sagrada verdade da ciência, desde que os seres humanos habitam a Terra (esta é a perspectiva cisnormativa); e desde que o primeiro homem e a primeira mulher cresceram e se multiplicaram (esta é, por sua vez, a perspectiva heteronormativa) (ROMANO, p. 2, 2019).

Aos 10 fui morar numa cidade praiana, Porto Seguro, que me serviu como um abraço aconchegante de mãe. Cresci e sobrevivi a uma adolescência cheia de dúvidas e questionamentos, fui me rompendo na adolescência ou na pré-adolescência, me fantasiando de quem eu fui obrigado a ser.

Me vi em uma novela, agora com seios tão gigantes que falavam alto por mim, "você é uma garota", me doía, e, mais uma vez tive que omitir minha insatisfação de não poder libertar o garoto que acorrentado em meu íntimo, nas profundezas de meu ser. Lapidei meu caráter e minhas atitudes, de acordo com a base que minha família me deixou como herança, aquele ditado seja seu sim, sim e seu não, não. Por mais verdadeiro que fui em meu jeito de ser com tudo ou com relação a quase tudo, fui obrigado a conviver com parte de mim em segredo.

Sorri, vivi, amei tantas mulheres que me perco em meio a tantos nomes, mas antes que alguém me dissesse que eu poderia ser livre pra amar, fui objeto de desejo de alguns homens que em mim encontraram refúgio e abrigo para realizar suas fantasias, fui violentado e algumas vezes usado como boneco de fantoche. Parte dessa construção, fui bissexual na definição de orientação sexual, quando me foi apresentado ao sexo na adolescência, me reconheci como lésbica e assim lutei por direitos quando os conheci, e à medida que fui me familiarizando, fui "sapatão caminhoneira" quando a minha essência escapulia das caixas imaginárias que um dia as trancafiei.

Ganhei forças para me reconstruir. Aprendi em diversas viagens pelo Brasil afora deixando pegadas pela América do Sul, de carona em carona como mulher, sujeita a atrocidades com sua vulnerabilidade que vibra entre as pernas. Conheci diversas culturas,

aprendi a me defender das investidas ao corpo socialmente e normativamente percebido como mulher. Carreguei por tanto tempo estas peculiaridades apresentadas pelo meu corpo que aprendi a conhecer e a dar valor à essência que habita em mim, passando a ver meu corpo como uma capa protetora desse espírito que sou. Hoje reflito se em algum momento quis ser o homem cisgênero, ou se realmente estou onde eu gostaria de estar, nesta desobediência de gênero que pertenço, pois dessa transgeneridade despertaram traços que me fariam fortes para uma vida cheia de aventuras e desventuras.

Me percebi quanto mulher negra no sul do Brasil quando o preconceito me permitiu conhecer o mundo através das experiências de alguém que vivia nas ruas. Caminhei por mais de 30 quilômetros na Uruguaiana em pleno sol de verão, arrastando uma mala de 20 kg, carregando uma mochila de 70 litros, outra mochila de 20 litros, segurando um amigo que sofria da insolação causada pelo sol que massacrava no deserto das estradas argentinas. Pés cheios de bolhas, massacrados pela persistência, a fé de alcançar o destino, realizar um sonho, era inabalável.

A força que me levava a todos os lados, era a mesma que me mantinha vivo e cheio de luz em meus sorrisos. Descobri que eu poderia ser fiel a quem eu sou, independente do corpo que habito, eu sou meu próprio eu, entre reflexões das estradas que aqui contarei revelarei intimidades, estudos e pesquisas que me permitiram escrever.

Carrego comigo as marcas que me assombram, grandes massas que me tomam a frente com sua protuberância, um par de tetas.

O processo da literatura menor dita por DELEUZE (Gallo, 2008. P.68) em que diz respeito às conexões fluidas pelo processo de rizoma, sem começo ou fim, onde a aprendizagem e o desenvolvimento da educação se dão em instantes e a todo instante de diversas formas. Ligações essas que viabiliza o fazer rizoma. Sem propor caminhos ou soluções a educação menor que busca a integração dos saberes.

O rizoma aqui se dá a partir das minhas vivências, quanto a construção do homem transgênero que sou hoje. Àqueles, cujo momento interage com a cultura, transposição da arte da negritude trans, conectando saberes em tom de resistência, propondo novas possibilidades de produção e recepção a partir das discussões desenvolvidas pela negritude trans.

A busca pela significância de nós mesmos/as dentro de tantos universos[3] diferentes que contracenamos no dia a dia nos faz criar situações adversas, proporcionando caminhos,

[3] Utilizo do termo universo para falar da autenticidade do ser humano, assim como, a dimensão do universo cósmico.

questionamentos, verdades, certezas, nos permitindo o autoconhecimento àqueles/as que o procura.

Assim o fiz a cada curva numa estrada longa, um pensamento longe me guiava a compreender meu pertencimento quanto ser humano nesse universo, a ancestralidade que quando criança a família de meu pai me tomou. Refletindo sobre as negações infligidas ao longo de sua construção que nos permite o refazer, reestabelecendo a conexão com o eu do passado e o eu do presente.

Onde meus primeiros contatos com a realidade negada foi quando a família de meu pai descreveu-me como branca e não filha de um pai negro, questionando o caráter de minha mãe que também negra deu à luz a uma criança desbotada dita como parda, a rebeldia me fazia negar a todo instante: *"como assim não sou negro?"* eu não sou branco, e também não me aceito como pardo. "*Não sou papel para ser definido como pardo!" "E onde está minha ancestralidade?".* Ela me foi negada por quem menos direito tinha de me arrancar a minha própria existência, cujo filho abandonou e negou uma filiação paterna e um sobrenome.

Negro de pele clara, assumi meu papel logo cedo, não me atendo ao que me foi dito de ser branco. Não me permiti essa errônea leitura, independente do pouco conhecimento sobre as discussões dos movimentos de empoderamento negro, o que não anularia a minha existência quanto um, pouco falei sobre essa parte de minha história desbotada, pouco falei do racismo que sofri por todos os lados que me negavam o direito a todo o momento. Entretanto, essa é uma questão que irei discutir mais à frente.

Referencio aqui CARNEIRO (2005, p.64) pelas suas palavras que tanto me ensinaram sobre o pertencimento de minha negritude.

> ...a miscigenação tem-se constituído num instrumento eficaz de embranquecimento do país, por meio da instituição de uma hierarquia cromática e de fenótipos que têm na base o negro retinto e no topo o "branco da terra" oferecendo, aos intermediários, o benefício simbólico de estarem mais próximos do ideal humano, o branco. Isso tem impactado particularmente os negros brasileiros, em função desse imaginário social que indica uma suposta melhor aceitação social dos mais claros em relação ao mais escuros, o que parece ser o fator explicativo da diversidade de expressões que pessoas negras, ou seus descendentes miscigenados, adotam para se auto definirem racialmente tais como: moreno escuro, moreno claro, moreno-jambo, marron-bombom, mulato, mestiço, caboclo, mameluco, cafuzos, ou seja, confusos, de tal maneira, que acabam todos agregados na categoria oficial do IBGE, pardo! Algo que ninguém consegue definir seja enquanto raça ou cor. Talvez o termo pardo preste-se apenas para agregar aqueles que, por terem a sua identidade étnica e racial destroçadas pelo racismo, a discriminação e pelo ônus simbólico que a negritude contém socialmente, não sabem mais o que são ou simplesmente não desejam ser o que são.

Reproduzimos o colonialismo dos tempos de outrora, mas não aqui no meu corpo negro de homem de buceta!

1.1 Um pico atrás do outro: a transgeneridade como marca social

Quem dera tantos picos me trouxessem a forma e a realização que tanto busco, mendigando cada centavo por uma receita nos campos obscuros farmacêuticos, uma depo[4] aqui e um pico ali. Me lembro bem da primeira receita que comprei por intermédio do contato que um amigo me passou, pelas contas 4 receitas me custaria 100 reais, ganharia uma de brinde e nenhum custo adicional pela entrega. Bom, pelos cálculos 3 x 5 seria um total de 15 aplicações já que cada caixa contém 3 ampolas que devem ser aplicadas de 15 em 15 dias. Seria o suficiente para finalizar o ano e assim meus 5 meses estariam garantidos, talvez nem tanto, cada caixa me custaria mais 40 reais por mês, e não sei até onde eu poderia sustenta-las.

A pouco mais de um mês iria me mudar, necessitava comprar o básico para o conforto de uma casa, uma geladeira, um fogão, uma cama, e como, eu poderia esquecer do botijão de gás. É, parece até fácil conquistar cada uma dessas coisas, pensando, como uma pessoa cisgênera, principalmente se ela for branca, que de muito das vezes tem a sorte de ter um emprego estável, um relacionamento, ou familiares que as ajudam, bom, nem diria que a realidade de uma pessoa trans em muitas e maioria das vezes não é bem assim que acontece, ou ela rala pra ter o mínimo, ou ela rala pra sobreviver com o mínimo, e quando tem a chance de ter um pouco mais que o mínimo, aplaudimos a/o mano/a que assim o conseguiu. Realidades distintas né?

Em Un Apartamento en Urano, PRECIADO (2019, p. 227) apresenta criticas ao cis-sistema que nos certifica como propriedade privada, ao nos aprisionar a estruturas pré-estabelecidas como o gênero que ocupamos assim como a mobília de uma casa que ocupa seu espaço designado.

Apresentando então como uma estrutura patriarcal e cisnormativa na qual vivemos acorrentados/as e onde cada signo representa uma definição de gênero, a qual se deve ocupar desde a concepção em seus primeiros momentos ainda como feto. Seria aqui uma

[4] deposteron- medicamento injetável de testosterona responsável para o desenvolvimento e manutenção das características masculinas. Utilizada frequentemente em tratamento hormonal pelos homens trans

possibilidade de repensarmos a cultura ocidental quanto definição de gênero a partir da genitália propondo aqui a extinção da genitália como parâmetro de definição de gênero?

06 de novembro de 1986, as 14:00 horas na cidade de Guaratinga, no estado da Bahia, nasci com gênero e nome sem ao menos conhecer meus pais, não chorei muito, assim conta minha mãe, me vestiram, me amamentaram, e nem ao ou menos poderia me defender daqueles que me intitularam como "menina". Nenhuma pergunta me fizeram.

Lembro que à medida que crescia negava alguns termos como raça, gênero e sexualidade. Me identificava como ser humano. Vivia me questionando o qual razão da existência de tanto preconceito, tanto julgamento. Não entendia o porquê de ainda vivermos reproduzindo golpes contra nós mesmos.

Em 18 de Julho de 2019, meu corpo tremia todo, estava ansioso, entreguei-lhe o papel em minha mão ao farmacêutico que me olhou da cabeça aos pés, mas pelo olhar dele estava mais centrado na volumosa massa que eu carrego, minhas tetas, me mapeou, me leu e me condenou ao corpo de mulher socialmente normatizado pela cis-binariedade atrelada ao órgão genital, perguntou-me "é para você?" Com um tom duvidoso, logo lhe respondi afirmando que sim, me apresentando como Khalil um homem transgênero, em sequência pediu minha identidade, envergonhado apresentei-lhe os documentos que me deslegitimava, um rosto, um nome. Buscou nos registros, certificou que o papel que lhe tinha à mão eram verdadeiros, número por número. Pegou a medicação e eu trêmulo engasgando as palavras de agradecimento ao receber o medicamento em mãos.

Pronto! A pior parte já passou.

Caminhei até o caixa.

Paguei.

Caminhei até o ponto de ônibus.

Fui até a casa de uma amiga, enquanto ela se encontrava viajando, eu cuidava de sua casa e seus lindos filhotes felinos. Me ocupei de alguns afazeres como num ritual ao me preparar para o grande momento. Alimentei os filhotes, dei carinho, com uma taça de cerveja e um yakisoba preparado na hora, como numa dança ritualística me preparava para a primeira agulhada de liberdade.

"Penetrando na carne, seca e despreparada, como num susto adentrando-lhe a pele rompendo cada camada, célula por célula. Primeiro arrombando-lhe a epiderme que é a camada mais superficial da pele, depois arrebenta-lhe a derme que por sua vez é a camada intermediária entre a epiderme e a hipoderme e por fim dilacera-lhe a hipoderme que é a camada mais interna constituída por células, fibras e vasos sanguíneos, um pouco a frente

despejo todo o veneno de 2 ml" que por fim me trouxe a liberdade quebrando todo e qualquer laço com quem um dia fui obrigado a ser.

Bem-vindo/as aos passos iniciais de um ser de infinita capacidade de romper cada elo que a sociedade massacrou, escravizou e oprimiu, durante tanto tempo sem ao menos questionar. Filho desgarrado, ovelha negra, renegado, que por sua vez destemido arrancou-lhe cada uma de suas correntes e se fez ser reconhecido, ser reconstruído.

Há algum tempo, penso sobre os caminhos que a vida nos conduz, com seus fios invisíveis, assim como uma teia de aranha. Estamos vivendo agora em um período de pandemia, o COVID-19, uma doença conhecida como coronavírus, Sars-Cov-2, que gera infecções desde assintomáticas á quadros respiratórios graves, descoberta em dezembro de 2019 na China que em pouco tempo se alastrou por todos os continentes, matando milhares de vidas, condenando idosos, jovens e crianças.

Estamos em confinamento desde março de 2020, seguindo recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), á três meses desde o primeiro caso aqui no Brasil estamos chegando ao marco de 30 mil óbitos, podendo chegar a um marco de 100 mil mortos até a conclusão dessa dissertação.

Com a superlotação de leitos, estamos enfrentando a pandemia Covid-19 com conflitos políticos, em que o poder capitalista soberano confronta a vida em busca de soluções para a economia, num governo fascista mascarado pelo patriotismo apoiado pela burguesia, confrontando a democracia na falsa crença de estar trabalhando em prol a "família brasileira".

Uma responsabilidade das políticas públicas a qual tem o dever de promover ações direcionadas ao bem-estar da sociedade e o interesse público, de maneira geral a essa realidade que enfrentamos não somente aos quatro meses de pandemia, mas de todo cis-sistema hegemônico que nos violenta absurdamente nos escravizando constantemente nesse círculo vicioso, criando uma ruptura nos valores e conceitos sobre a formação familiar.

Essas reflexões que vos apresento são sobre uma humanidade, pessoas, de diferentes etnias ou de gênero. Em pleno século 21, escuto vozes por todos os lados, gritos de socorro. Vozes sonoras com tamanha força e determinação que as ouço em alto e bom som. Vejo por todos os lados alguns humanos e outros desumanos. Sinto algumas vezes as chibatadas silenciosas em meus dias como em um eterno looping. "*Você não vê? Você não Escuta? Você não está sentindo?"* Todos os dias em algum lugar do seu bairro, da sua cidade, do seu estado

e de seu País centenas de humanos sendo violentados/as, agredidos/as, ofendidos/as, assassinados/as, escravizados/as, são centenas de vidas humanas abafadas, silenciadas, isoladas.

"*Onde você está agora?"* Olhe em volta!

Mais uma criança negra morta na periferia brincando dentro de casa no Brasil, mais um homem negro morto por um policial branco nos Estados Unidos da América, mais outras tantas mortes apagadas pelos cis-sistema de pessoas transgêneras brancas e negras. "*E onde você está agora?"* Olhando para centenas e milhares de caixões enterrados em velórios solitários, isolados nessa guerra silenciosa contra o Covid-19. Reflito sobre as mortes, das violências sofridas, agressões verbais e físicas das/os tantas/os pessoas transgêneras brancos/as e negros/as, trazida pelo pecado que perpassam os séculos sempre em sua ousadia, a hegemonia patriarcal cisnormativa a "família brasileira". Onde nossas minorias encontra-se a margem da sociedade mais uma vez, o que as políticas públicas estão fazendo para subsidiar a população trans? O que o currículo escolar vem nos ensinando sobre nossa própria história?

"Vidas negras importam[5]*!"*

"Vidas de pessoas transgêneras importam!"

"Todas as vidas importam!"

Traço uma crítica ao cis-sistema hegemônico branco o qual nos violenta e nos agride, onde criam marcadores e alvos. A pretitude alvo de um marcador histórico impregnado de algemas, correntes e açoites, vivendo nas periferias de seus senhorios, se alimentando do pouco que conquista a muito custo e trabalho duro, bebendo em copos rasos da pouca educação quando lhe é permitido, pois cada dia é uma guerra a ser vencida, a disposição do tráfico que corrompe a juventude que carece de segurança, moradia, uma alimentação digna e uma educação que valorize as diferenças; a transgeneridade que traça seus próprios caminhos, após serem abandonadas/os pelo cis-sistema que um dia jurou lhe proteger, julgados e condenados às sarjetas e a exclusão daquela educação regrada, da família amada negada, do

[5] De acordo com o Dossiê O surgimento do movimento #blacklivesmatter [vidas negras importam] lançado no ano de 2018 em São Paulo escrito por TAYLOR, keenga-Yamhtta e traduzido por SILVA, Maira M. e FAUSTINO, Deivison M. Originalmente o termo Black Lives Matter, é um movimento ativista internacional direcionado ao combate do racismo e toda forma de violência acometida contra pessoas negras, fundada em 13 de Julho de 2013 nos Estados Unidos da América.

trabalho escarço, mas que ainda assim, experiência diariamente suas próprias guerras, violentadas/os, esquecidas/os e apagadas/os.

Toda e qualquer vida importa, assim como na constituição que nos permite o direito à vida. O principal dever do Estado é combater a desigualdade e a vulnerabilidade, porem para grande parte da sociedade a marca da pele define como elemento, a culpabilidade dos que são estigmatizados pelo genocídio, mas, e quanto à transgeneridade negra periférica? De que forma vem transitando em nossa realidade as políticas públicas a modo que sirva como está predestinada, com a finalidade de reduzir a desigualdade social, gerando segurança, emprego e educação?

Um marco que trago na pele, nos traços do meu corpo, sou homem, sou negro, sou transgênero, assim como muitos/as outros/as.

Somos atravessados por três genocídios. Gênero, raça e classe!

1.2 Um outro atrás do pico: a marca social da negritude

Nasci na década de 80, logo rejeitado pelo meu pai e sua família, minha mãe me criou como mãe solteira, tive uma infância livre dos padrões cisnormativo. Brinquei de carrinho, de espada, carrinho de rolimã, participei de campeonatos de xadrez incentivado pelo meu tio (materno) que costurava tão bem quanto minha vó, meus primos, minha irmã e eu sempre muito unidos, compartilhávamos do mesmo quintal, pulando um muro ou outro em tons de brincadeira.

Cabelo crespo, cachinhos armados, narizinho pequeno, um sorrisão sempre disposto a fechar os olhos ao sorrir, um doce de criança, não guardava magoa de nada.

Sempre morei cercado pela família materna, calorosa, animada, amorosa, uma família de professores que sempre me conduziu e me proporcionou ferramentas necessárias para desenvolver a aprendizagem, cercada pela religiosidade católica e espirita kardecista, a humildade e a caridade era uma constância na minha infância.

Como toda criança que cresce cheio de questionamentos, convivi brincando e frequentando a casa dos familiares paternos, afinal tenho uma tia paterna 2 anos mais nova, que entre tapas e gargalhadas tínhamos uma amizade e confidencialidade das aventuras e trilhas pelos quintais frequentados pelas imaginações infantis.

Fui negado pelo meu pai antes mesmo de conhece-lo, meus avós paternos seguindo o mesmo caminho apontou-me diversas vezes suas incertezas sobre minha existência e filiação. Mas foi numa conversa entre minha avó paterna e uma de minhas tias paternas que ouvi pela primeira vez as palavras que me rasgaram por dentro.

O racismo pode ser encontrado em diversos lugares, tropecei algumas vezes por ele, nos braços da família de meu pai.

Ouvi da mãe de meu pai, palavras que me atravessaram o peito, me marcaram mesmo sem saber o significado de tais palavras, mas ela as repetia tantas vezes ao longo da minha vida transformando em ciscatriz. Em suas palavras ela dizia: "*você não é filha dele, você é amarela não está vendo? Você tem pele clara e ele é negro*!". Na minha cabeça de criança e por tantos anos o que mais me marcou foi a negação de não ser filha dele, revoltado por ele nunca ter me assumido. Somente depois de anos compreendi o que ela estava me apontando. Compreendi que a negação estava relacionada ao meu tom de pele.

Nunca fui uma pessoa muito esperta, rápida pra compreender a maldade ou os discursos que reproduzia sem questionar, tive uma adolescência um tanto rebelde, trazia a culpa de ter sido negado pelo meu pai, pelas palavras de minha avó paterna, violentei meu corpo com bebedeiras e outras drogas com todo dinheiro que eu conseguia arrancar das visitas ao meu pai, neguei por muito tempo o que aprendi na minha infância por algo que nem eu mesmo compreendia.

Mas foi nesse processo de rebeldia que, me reconectei com a leitura e o olhar crítico sobre as duras palavras da minha avó paterna, não era preto suficientemente para ser filho de meu pai, afinal minha mãe também é negra, propondo outro questionamento, alimentando pela rebeldia incitei diversas vezes discussões com minha mãe, se eu era adotado ou se era realmente filho de meu pai, algo que justificasse eu ter a pele mais clara.

Difícil dizer com precisão em que momento enfrentamos nosso primeiro impacto social marcado pelo nosso tom de pele, pela textura do cabelo ou o gênero o qual se define.

Já na vida adulta, me aventurando nas estradas de carona em carona vivendo uma vida de mochileiro, vivi diversas situações que me remetia as lembranças da infância, a cada estado ou cidade que passava uma situação desconhecida que acentuava os marcadores que me atravessam, na época eu não me compreendia como um homem trans, nem conhecia o termo, mas meu corpo era identificado como macho fêmea, sapatão, além do cabelo crespo e da minha pele como marcador social, nos estados do sul fui uma pretinha aceitável, em alguns lugares de São Paulo fui condicionado, confundido como funcionário diversas vezes ou expulso por não "está adequado" ao ambiente. Passei algum tempo morando nas ruas em minhas aventuras como mochileiro, onde compreendi que nossos corpos perpassam por diferentes marcadores em diversas situações e ambientes, lugares e culturas.

MUNANGA (2017, p. 41) faz uma crítica ao racismo brasileiro conversando com que pontuei anteriormente com uma fala da CARNEIRO (2005, p.65), afirmando que ao "criar a ambiguidade dos mestiços, dificultando o processo de formação de sua identidade quando, ainda não politizados e conscientizados, muitos deixam de assumir sua negritude e preferem o ideal do branqueamento". Em função desse "imaginário social" traçando tonalidades mais aceitáveis e favoráveis construindo uma falsa ilusão de privilégios.

Foi no Rio de Janeiro que compreendi que o racismo é um processo do colonialismo, frequentando subúrbios, morando na favela Jacarezinho, onde o negro ainda escravizado pela hegemonia branca vive as migalhas de seus senhorios, esquecidos pelo poder público, ensinados desde pequenos falar sim senhor, não senhor na presença de um policial, e que é o dono da boca que vai te dar a segurança de ir e vir em segurança dentro do bairro sem distinção de raça, gênero ou sexualidade, os mesmos que te ajuda com um botijão de gás quando lhe falta. Reforçando os marcadores que nos atravessa em gênero, classe e raça.

E foi nas palavras de GONZALEZ (2019, p.344) que compreendi finalmente por qual processo eu vinha passando ao longo de minha vida, quando ela diz que "o racismo desempenha um papel fundamental na internalização da superioridade do colonizador pelos colonizados".

1.3 A pica da outra: processos educacionais e cultura na margem

Cresci numa família privilegiada mesmo , minha vó, minha mãe, meu tio, professores da rede pública, prezavam pela educação, aprendi a ler aos 4 anos e de lá pra cá incentivo não me faltou, impulsionado pela família criei um laço com a leitura, aos 13 anos já escrevia meus primeiros contos, alguns repletos de hormônios, outros fantasiados de romances, o típico casal socialmente normatizado pela hegemonia cisheteronormativa, formado por um homem cis de queixo quadrado, branco de olhos azuis, loiro e uma mulher cis branca de cabelos longos negros, magra, com sorriso doce e meigo, o único detalhe é que sempre ao escrever eu me projetava nos personagens, eu sempre era o homem descrito, corrompido pelas influencias das mídias principalmente pelo cis-sistema cisheteronormativo, o homem cis branco e a mulher cis branca pertenceram em minhas escritas por um certo período.

Durante todo período escolar cursei em escola pública, sempre fui uma pessoa tranquila, um pouco tímido até o dia em que virei alvo de uma gangue de meninas do turno noturno, simplesmente por negar meu lanche a elas, eu estudava a tarde na sétima série, desde então elas passaram a frequentar o pátio da escola no intervalo arrancando o lanche de minhas mãos a força. Num dia de revolta antes que me tomassem joguei no lixo o chips e fui pra minha sala, se sentindo ameaçadas ou confrontadas elas invadiram minha sala soltando a mão na minha cara, lagrimas escorrem pelo meu rosto mas não era a dor do tapa que me ardia a cara, era a raiva que me consumia. Tomado pela raiva, pelo ódio levantei com a mesa em minhas mãos, agora no alto, arremessei liberando toda a rebeldia que me cegava. Desde então, atravessei o fundamental e o médio sendo o rebelde fanfarão, camuflando minhas fraquezas, entorpecendo meu corpo com bebedeiras e maconha.

Não me recordo se sofri algum preconceito nesse tempo, vivia em meio a muito *rock in roll*, nos tempos vagos frequentava a biblioteca onde me perdia em meio as leituras, num desses encontros com a leitura vagueando pelas prateleiras encontrei um livro que falava sobre sexualidades, foi o primeiro encontro que tive com o termo e conceito sobre sexualidades, durante a leitura me vinha a vaga lembrança de quando vi Cassia Eller pela primeira vez na televisão e das vezes que me encontrei nela, uma pessoa que fugia os padrões normativos de ser mulher, comparei a minha situação desconhecido de mim mesmo, sem gênero que me acolhesse, dentro da leitura me assemelhei ao termo lésbica levado pelas características apresentadas, eu possuo buceta logo eu sou mulher e se sinto atração sexual por outra mulher de buceta eu sou lésbica.

Caramba, demorei anos para compreender que um livro foi capaz de me aprisionar a um gênero e uma sexualidade por tanto tempo, mesmo insistindo e negando o termo sapatão, lésbica, assim cumpri o papel e a performance fluida que permeava entre a masculinização

das vestimentas e da valorização das tetas para compor um papel dentro de uma ditadura social onde a única forma de se existir fosse a de mulher cis.

Influenciado pela família na esperança de me inserir no mercado de trabalho passei no vestibular de Letras, já em outro momento passei em História mas o fato mesmo é que não cursei nenhum dos dois, passei em Ciências Contábeis e cursei por uns 3 a 4 semestres, com muita bebedeira, exercendo um papel machista rodeado de mulheres alimentando o ciclo de masculinidade toxica. Abandonei os estudos na ilusão de um amor carioca, vivi 5 anos na Região dos Lagos – RJ usufruindo da liberdade e das belas mulheres cariocas, de fato foram bons momentos em que tive oportunidade de iniciar a militância nos movimentos LGBTQI+ , na época ainda era muito utilizado o termo GLS. Por infortúnio da vida Cláudio Lemos, amigo e um dos fundadores do movimento LGBT e presidente do grupo Cabo Free faleceu no mesmo ano em que eu retornava a Bahia.

Logo ingressei no curso de Pedagogia, encontrando uma paixão pela pesquisa, pelo desenvolvimento da criança, encontrando uma paixão pelo estudo como formador e gerador de opinião e mudanças, enfim me graduei. Agora pedagogo. Trabalhei dois anos como auxiliar de classe numa creche na periferia de Porto Seguro, descobri que meus traços masculinizados era motivo de desconfianças e olhares preconceituosos entre professores e por alguns/mas pais/mães, mas não me abalei, enfrentei trabalhando com dedicação e amor, acolhido pela inocência e a voracidade de viver e aprender das crianças pude me fortalecer. SANTANA (2017, p. 25) compartilha de uma situação semelhante, entretanto já reconhecido como homem trans “a creche se tornou em algum momento esse espaço de trocas, de afetos, de partilhas e também de muita luta e militância”. Denunciando e demarcando a necessidade de ocupação de pessoas trans no meio escolar como processo gerador de afetividades e militância.

Uso do meu corpo trans como condutor de afetuosas mudanças!

Com a creche ameaçada de fechar pelos constantes confrontos entre policiais e bandidos, me direcionei a hotelaria desviando do desemprego. Fui treinado e certificado como monitor de turismo de aventura financiado pela própria empresa onde permaneci por dois anos de muito aprendizado, fortalecido pelo espirito de equipe e afetos. Pedi demissão num acordo com a empresa com o propósito de mochilar pelos países Sul-americanos, e assim o fiz de carona em carona, conhecendo todas as faces culturais do Brasil e dos países próximos.

Ao regressar à Porto Seguro trabalhei no projeto Mais Educação e Mais Alfabetização, até retornar ao ramo de hoteralia, exercendo a mesma função de monitor de turismo de aventura. No decorrer desse processo ao logo desses 9 anos fui me permitindo leituras

masculinizadas sobre meu corpo, abandonando as amarras do passado repleto de medos e receios, recebi olhares tortos que prontamente ignorei, mas foi na rede hoteleira que encontrei forças e empoderamento trans, reconhecido e respeitado por toda equipe.

Ao relembrar e compartilhar toda minha trajetória de vida, percebo que faço parte de um grupo elitizado, agora faço parte do mestrado em Ensino e Relações Étnico-raciais, quebrando mais uma dessas correntes que a sociedade nos impõe, percebo o que carrego em minhas mãos as marcas de uma vida privilegiada, por ter uma família ao meu lado durante todos os meus processos de autoconhecimento, a vantagem social da permanência e continuidade dos estudos, a vantagem social de está empregado em plena pandemia, a vantagem social de fazer parte de uma equipe profissional que me apoia e me respeita.

Minha realidade é uma utopia para muitas pessoas que fazem parte das minorias, em especial as pessoas transgêneras negras que fogem do pradrão etnocisnormativo. Segundo JESUS (2019, p. 58) "o histórico patologizante dado às pessoas trans nos evidencia que o ambiente de produção acadêmica é hostil para esses sujeitos, que já encontram barreiras em se ingressar nesses espaços antes mesmo da graduação".

SANTANA (2017, p. 22) contracenando com as falas da Jaqueline afirma, "o Cistema[6] educacional brasileiro é fundado em exclusões que invisibilizam as diversidades corporais e identidades de gênero, caracterizando as colonialidades cisnormativas de saber, que restringem o acesso e a permanência de pessoas trans na academia".

A realidade para a transgeneridade é singular, entretanto existem pontos específicos qual o cis-sistema evidencia seus processos de exclusão social. O Departamento de Gênero e Diversidade[7] (2020) destaca:

> A falta de aceitação, acolhimento e respeito, além do preconceito no ambiente escolar geram obstáculos para o bom aproveitamento da educação formal e alto índice de evasão escolar entre as transexuais. O abandono escolar se torna, assim, uma forma de evitar os sofrimentos vivenciados na escola. De acordo com dados da RedeTrans, cerca de 82% das mulheres transexuais e travestis abandonam o ensino médio entre os 14 e os 18 anos.

Na representatividade compulsória do Cisheteronormativo o desenvolvimento curricular quanto a negação das diversidades de leituras de gênero limitando-se a cisbinariedade e todo o ambiente escolar entoando discriminações e preconceitos às pessoas transgêneras, desde o

[6] O termo cistema é utilizado como forma de critica e denuncia a existência do cissexismo e a opressão produzida pelo sistema cisnormativo.

[7] publicado dia 29 de Janeiro de 2020 no **dia da visibilidade trans** no site: https://cpers.com.br/dia-da-visibilidade-trans-destaca-a-luta-pelos-direitos-da-populacao-lgbt-2/ acessado em 26/06/2020;

momento em que nós devemos lutar pelos direitos ao uso do nome social ou do banheiro de acordo com sua definição de gênero, ao se calar diante de situações discriminatórias entre alunos.

Não somos jesus, mas somos diariamente crucificados!

Carregamos a cruz produzida pelo cis-sistema!

Acorrentados/as às sombras do cisnormativo!

Extremamente vulnerabilizados/as escrevemos nossas trajetórias cravada pela marginalização, banhados/as pelo sangue das tantas vidas assassinadas, vítimas do suicídio, estigmatizados pela escassez dos espaços sociais e do mercado de trabalho acolhedor. Segundo o Dossiê levantado pela Antra, Benevides e Nogueira (2019, p.50) "há ainda violações dos direitos básicos como a expulsão de pessoas trans de banheiros públicos ou a negação de acesso à saúde ou a consultas médicas", assim como também aponta que:

> ...90% da população de travestis e mulheres transexuais estão na prostituição por falta de oportunidades, devido à exclusão familiar, social e escolar. Na média, é aos 13 anos de idade que a maioria das travestis prostitutas iniciam seu trabalho na rua por terem sido expulsas de casa ou por estarem em ambientes familiares não acolhedores e violentos. Benevides e Nogueira (2019, p.47).

Na live[8] *A travesti e o movimento político organizado*, apresentada por Renata Carvalho tendo Jovanna Cardoso como convidada compartilhando intimidades ao ser expulsa de casa aos 13 anos, ter permeado os campos da prostituição e ter sido atuada no artº. 59, considerado vadiagem o trânsito de travestis e prostitutas nas ruas durante o dia, processo da operação pente fino que sofreu em 79, "num momento histórico na década de 60, onde as travestis, transexuais e prostitutas eram presas por libertinagem, viadagem e atentado e violento ao pudor". Jovanna aponta a responsabilidade social e do Estado quanto às dificuldades sofrida por ela e por tantas outras. Despertando a necessidade de firmar a Associação Dama da Noite ao "transformar um corpo político como forma de barreira e proteção as perseguições", tornando viável a construção do primeiro organismo público para discutir as minorias (Tam) através do apoio do primeiro governador negro do Brasil. Tais aspectos nos aprisionam a um

[8] Live apresentada e situada no instagram @renatacarvalhoteatro

passado não catalogado, vidas engolidas pelos cis-sistema, apagadas e desamparados/as pelas políticas públicas enrijecida pelo patriarcado cisheteronormativo.

Nossas histórias atravessam diversos contextos político, social e cultural, sempre as margens, abandonados/as, incriminados/as, crucificados/as e violentados/as pelo cis-sistema. Afrontar essa realidade é apontar os problemas e as necessidades de mudanças nos processos educacionais, problematizar a cisculturalização e religiosa que nos circundam, condicionando-nos as precárias subsistências vulneráveis.

A pica de quem?

2. TEORIAS DO CORPO DILUÍDO: O Corpo que se Lê e o Corpo que se Ouve

Vivemos entre realidades socialmente construídas, determinante quanto à leitura dos corpos. Entretanto outros tantos corpos se constroem, diluídos, como água e vinho, cerveja e rum, ou com outras tantas formas de se diluir, que só a matemática para poder decifrar de quantas variações podem se somar a variedade que podem surgir através desses corpos diluídos. Afinal como já falava Raul Seixas, “eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.

A humanidade está em constante construção, somos uma imensa nação, cheia de costumes, religiões e crenças, e essa diversidade consiste em como a cultura nos afeta, direta ou indiretamente desde a concepção, agredidos pela sociedade que já te impõe crenças que determinará a forma como será educado, um passo enorme para desigualdade e a violência estrutural no campo das afetividades e de gênero, para além do racismo e da xenofobia, entre outros tantos problemas sociais que enfrentamos durante toda nossa construção histórica que nos atravessam como política e religião.

Nossos corpos políticos são passíveis de leituras, transitam em diferentes ambientes exibindo os marcadores construídos em decorrência do cisnormativo, acentuando o órgão sexual como meio de estabelecer o gênero, delimitando como órgão sexual feminino e o órgão sexual masculino, normatizando o cisgênero como única e determinante maneira de se construir socialmente, a hegemonia branca heterocentrista que pactua traçando o branco como

sinônimo de beleza e perfeição e a heterossexualidade como única forma aceitável no campo das afetividades, conceitos estabelecidos a partir do colonialismo tanto político quanto religioso, onde ambos alimentaram por décadas o cis-sistema etnociscentrista. Mesmo existindo inúmeras formas de se lê o indivíduo entre culturas.

Cabendo aqui referenciar o corpo transgênero negro como um corpo derivado do preconceito acumulativo, considerando as negações sociais decorrente do preconceito racial e da opressão as dissidências sexuais e desobediências de gênero.

> (...) a vivência do racismo é diferente para homens e mulheres. Os homens negros, sobretudo, os jovens negros estão mais expostos à violência física institucionalizada ou não; enquanto que as mulheres são mais vulneráveis a outro tipo de violência, não somente aquelas que condicionam a aparência às oportunidades de trabalho, mas, principalmente, as que estão relacionadas às representações sobre o corpo e à construção de padrões de beleza hegemônicos que desconsideram a existência da beleza negra (PINHO & SANSONE, 2008, p. 248).

Assim CARVALHO (2020)[9], vem gerar um novo conceito, o *Etnociscentrismo*, partindo da crítica ao etnocentrismo onde a branquitude hegemônica desumanizou toda população negra, ela vem transprofagizar para o etnociscentrismo, apontando para além da branquitude hegemônica a única forma de se viver é a forma cisgênera, o cis-sistema como modelo, padrão social e cultural ao qual devemos seguir.

PRECIADO[10] (2013), vem contracenar com as falas da Renata Carvalho ao defender a necessidade de repensar essa estrutura etnociscentrista estabelecida pelo cisnormativo que se faz opressora e violenta ao defender as crianças trans e homoafetivas, criticando a hegemonia heterossexual cisgênera por estabelecer e alimentar a opressão das minorias sexuais e de gênero ao forçar o patriarcado compulsório como manobra político social para proteger as "crianças", levantando então inquietações contundentes acerca de quais crianças o Estado protege com o Etnociscentrismo em questão.

Onde cabem as crianças negras, trans, homoafetivas e periféricas dentro desse contexto onde o Estado jurou a proteção? Onde o cisnormativo vem corromper a livre interpretação do ser e sua individualidade de existir, onde o órgão sexual pênis pode ser tanto feminino quanto

[9] Em uma live no instagram disponível em: @renatacarvalhoteatro

[10] Artigo Quem defende a criança queer? Escrito por PRECIADO, Paul B. e traduzido por NOGUEIRA, Fernanda, publicado no ano de 2013. Disponível em: https://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947. Acessado em: 28/06/2020.

masculino ou a vagina tão igualmente é masculino e ou feminino, onde a variação biológica xx ou xy não seja marcador significativo para construção do ser homem ou mulher, masculino ou feminino, nessa dualidade conceptiva que nos distancia da representatividade do todo.

O colonialismo gerado pelo cisnormativo produz ciscatrizes, marcas irreparáveis a transgeneridade, mutiladas pelo cis-sistema em busca da passabilidade ilusória sobre o corpo que se lê "feminino/masculino" projetado e normatizado pelo cisnormativo, na tentativa de galgar espaços de exclusão ao corpo trans, o cis-sistema ao qual acorrenta a transexualidade nessa busca compulsória pelo corpo que se ouve, atendendo os chamados dos padrões cisnormativos.

O Cis-sistema brasileiro vem causando danos físicos e psicológicos àqueles que colidem com o cisnormativo, se destacando como um país que apresenta o maior risco as vidas das pessoas transgêneras, potencialmente maior à vida das pessoas transgêneras negras, com o alto índice de mortalidade ligada a saúde, assassinatos e suicídios gerados pela opressão cultural familiar cisnormativa, segundo Dossiê: Assassinatos e violências contra travesti e transexual no Brasil em 2018 (Benevides e Nogueira, 2019 p. 24)

Os estigmas produzidos por esse cis-sistema acarreta violações dos direitos humanos, produzidos e pensados a partir de uma única vertente, onde o Estado e a Religião impregnados de dogmas e crenças alimentam o colonialismo Etnociscentrista, fomentando registros "macho/fêmea, homem/mulher", a família como objeto reprodutor e responsável pela propagação da espécie, exigindo um padrão de aceitação social agressora e violenta as crianças, jovens e adultos trans.

"Quem defende o direito da criança a mudar de gênero se for a vontade dela?"

Raça, classe e gênero, a violência contra a transgeneridade preta de periferia é um problema social, um câncer que corrompe nossa sociedade de uma ponta a outra em nosso país de forma significativa. Defrontamos diariamente com chacinas, violências, criminalidade, extermínio e genocídio. Um cis-sistema que afasta os pais de seus filhos das afetividades no seio familiar, que nega a individualidade do outro, que ínsita a violência em espaços sociais, marginalizando, silenciando.

O direito à vida é o principal direito humano, um país democrático deve assegurar que esse direito seja cumprido a todo cidadão e cidadã. Sendo dever do Estado combater qualquer

ato que infrinja esse direito, principalmente aos que vivem em maior situação de desigualdade e de vulnerabilidade. Para grande parte da sociedade a marca da pele define como elemento, a culpabilidade dos que são estigmatizados pelo genocídio, mas, e quanto a transgeneridade negra de periferia? De que forma vem transitando em nossa realidade as políticas públicas a modo que satisfaça a demanda levando o bem-estar da população, trabalhando com a finalidade de reduzir a desigualdade social, gerando segurança, emprego e educação para as pessoas transgêneras?

Somos quem somos, independente do que o outro cria sobre nós!

A decolonialidade apontada pelos estudos das transgeneridade apresenta fundamentos e métodos de inserção nos espaços excludentes, predatório que nos julgam e nos condenam, com abordagens lúdicas e disseminada na arte, projetada pelas criações artísticas das transgeneridades acentuando o protagonismo da negritude que atravessa nossos corpos, nossa ancestralidade.

Estou reproduzindo o cis-sistema etnociscentrista sobre mim?

Negar quem sou

2.1. Ciscatriz ou cicatrans? Psicoemocionais e físicas!

Por tantas vezes me mutilei, me reprimir, me anulei, me agredi e me violentei, reproduzindo o cisnormativo a cada ato performático sobre meu corpo, reagindo ao reflexo imposto do cis-sistema cultivando ciscatrizes, marcas psicoemocionais profundas ao longo dos meus 33 anos, onde anulei e crucifiquei minhas tetas, esmurrei e amarrei com faixas, decepcionado nenhuma formula foi suficiente para arranca-las de mim. Hoje comemoro o primeiro mês que me olhei no espelho por horas, admirando cada detalhe do meu corpo.

Cada traço do meu corpo transmasculino pertencente a minha história de ontem, de hoje e do amanhã.

Admirei meu corpo com ternura e amor, me acolhi. A primeira vez que amei meu corpo exatamente como ele é, com suas curvas, tetas e buceta, aprendi a aceita-la, como uma grande maioria dos homens trans sou marcado pelo desejo da sonhada mastectómica masculinizadora, um procedimento cirúrgico que removeria as volumosas massas que se

destacam a frente de meu corpo, as tetas, com esse procedimento poderia eu desfrutar de um peitoril com traços masculinos socialmente e normatizados construídos pelo cis-sistema.

Meus pelos a mostra, exibo com orgulho minha barba falhada e meu bigode ralo, fomentei a necessidade de ocupar a esfera masculina cisnormativa por longos anos, assim como tantos outros homens trans negros, descobri que não é "acessível" a todos passar por tais processos como venho passando com o tratamento hormonal, mesmo que eu transite pelos campos do contrabando farmacêutico (PRECIADO, P. 37, 2017).

Desde 2008 o Sistema Único de Saúde passou a realizar cirurgias de redesignação sexual em mulheres trans, porém, somente com a portaria 2.803 de 19 de novembro de 2013 publicada no Diário Oficial da União[11], estendeu-se aos homens trans os mesmos direitos, acobertando a retirada das mamas, do útero e dos ovários, assim como também assegurando o tratamento hormonal acompanhado por ambulatórios especializados em atendimento a pessoas transgêneras.

Entre tanto de acordo com as informações disponibilizadas pelo TRANSBR no reddit[12] somente em 5 capitais/Estados do Brasil possui centros de referência com atendimento ambulatorial e hospitalar cirúrgico, sendo eles: Goiânia/GO, Porto Alegre/RS, Recife/RE, Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP. 6 ambulatórios situados nas capitais/Estados: Curitiba/PR, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA, São Paulo/SP, Uberlândia/MG e Vitória/ES. E 22 ambulatórios das redes de saúde estaduais: Belém/PA, Belo Horizonte/MG, Brasilia/DF, Camaragibe/PE, Campo Grande/MS, 3 em Florionópolis/SC, Fortaleza/CE, Goiânia/GO, João Pessoa/PB, Lagarto/SE, 3 em Recife/PE, Ribeirão Preto/SP, Salvador/BA, Santos/SP, São José do Rio Preto/SP e 3 em São Paulo/SP.

SANTANA (2018, p.97) ressalta a dificuldade de encontrar referencias de corpos negros transmasculino que tenham efetuado as cirurgias de mastectomia masculinizadora, apontando que:

---

[11] Dados extraídos no site: https://dp-pa.jusbrasil.com.br/noticias/112179037/nova-regra-para-mudanca-de-sexo-no-sus-contepla-transexual-masculino acessado no dia 20/06/2020

[12] rede social localizada no site: https://amp-reddit-com.cdn.ampproject.org/v/s/amp.reddit.com/r/transbr/comments/cpim1b/lista_de_ambulat%C3%B3rios_de_sa%C3%BAde_trans_no_brasil/?amp_js_v=a3&amp_gsa=1&usqp=mq331AQFKAGwASA%3D#aoh=15938959294487&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&amp_tf=Fonte%3A%20%251%24s&ampshare=https%3A%2F%2Fwww.reddit.com%2Fr%2Ftransbr%2Fcomments%2Fcpim1b%2Flista_de_ambulat%25C3%25B3rios_de_sa%25C3%25BAde_trans_no_brasil%2F , a grande maioria de informações sobre assassinatos, estudo das mortes de pessoas trans, suicídios, listas de atendimento ambulatório e cirúrgico, entre outras necessidades de coleta de dados se dá por meio das ONGs e movimentos LGBTQI+, disponibilizados através de sites, blogs, aplicativos ou redes sociais.

> ...para pensar sobre transgeneridade e negritude é preciso pensar de forma interseccional, levando em consideração os marcadores sociais da diferença, tais como identidade de gênero, raça, classe, sexualidade, territorialidade e tantos outros marcadores que nos atravessam e demarca nosso local de fala nos determinados contextos históricos e sociais...

Em busca da mastectomia masculinizadora, a sonhada cicatrans

Para muitos a sonhada cirurgia está muito longe da realidade, assim como é para mim. Desprovido financeiramente para custear tratamento particular e longe dos pontos de atendimento ambulatório, assim como muitos faço o uso independente do tratamento hormonal, sem acompanhamento, sem exames. Assumindo uma responsabilidade sobre a saúde dos nossos corpos e de nossas mentes. Segundo a Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade[13] (SBMFC) (2020):

> ...pessoas trans estão sujeitas a maiores taxas de adoecimentos mentais como resultado de transfobia (5). Estima-se que adolescentes trans são expulsas(os) da casa da família aos 13 anos de idade, em média, e que apenas 0,02% das pessoas trans frequentam universidades (15). O Brasil é o país com o maior número de assassinatos de pessoas trans (16) e em 2019 confirmaram-se 124 assassinatos divulgados, além de uma média de 11 notificações de pessoas trans agredidas por dia. Aproximadamente 80% das pessoas trans assassinadas em 2019 eram negras, praticamente 60% tinham entre 15 e 29 anos de idade, 67% eram profissionais do sexo e 64% foram executadas nas ruas (15).

A constante busca pelo corpo idealizado através das injeções de tetas siliconizadas ou tetas mastectomizadas, seria uma busca de realização ditada pelos resquícios do colonialismo cisnormativo, atendendo a expectativa social estigmatizada pelo cis-sistema, impulsionado pelo instinto de sobrevivência decorrente das violências sofridas, produzindo ciscatrizes históricas sobre os processos das dissidências sexuais e desobediências de gênero?

Ser trans não é preciso viver oprimido pelas ciscatrizes geradas pelas opressões sociais cisnormativas, mas é preciso ter direitos, respeito, visibilidade e acessecibilidades para suas sonhadas cicatrans.

2.1.1. Dissidente: olhar crítico às falsas diversidades

[13] Noticia **O atendimento de pessoas trans na atenção primária à saúde**, publicada dia 31 de Janeiro de 2020. Disponível em: https://www.sbmfc.org.br/noticias/o-atendimento-de-pessoas-trans-na-atencao-primaria-a-saude/ . Acessado em: 30/06/2020.

Não tem muito tempo que aprendi a me defender dos olhares, ou ignora-los. Aqueles olhares que te julga e te condena, alguns até duvidam de sua capacidade. Olhares impiedosos, capaz de nos apedrejar, pisotear, nos assassinar, e até aplaudir nossas derrotas.

Nossos corpos quanto pessoas trans e travestis, ocupam espaços únicos e pertencentes a nossa singularidade, uma passabilidade inexistente e sutil que não cabe ao todo, mas a uma pequena fração. Qual não nos tornam menos ou mais pertencentes como e quanto sermos trans e travestis, uma autenticidade que nos tornam únicos mesmo em meio a voz coletiva. E quando invoco a ideia da autenticidade de sermos únicos em meio a coletividade, venho escancarara que ser humano, no contexto universal de pertencimentos, somos plurais e únicos no universo que nos cabe, socialmente e politicamente, independente do grupo social que nos identificamos. Um contexto que nos aproxima do existir quanto condutores de nossas vivencias.

Em uma entrevista para o portal IG[14] em março do ano de 2021, Renata Carvalho vem evidenciar a falta do protagonismo trans em novelas e peças de teatros, lugares onde não é permitido que nossos corpos estejam presentes para representar papeis, denunciando a falta de representatividade ao permitir a realização de transfakes inviabilizar ou retirar oportunidades de trabalho de pessoas trans, alimentando os estereótipos preconceituosos sobre a população trans.

Renata Carvalho acrescenta que a ideia de se opor ao transfake é para naturalizar as pessoas trans na mídia, garantindo que elas sejam vistas com mais humanidade.

Mas das artes de rua, dos teatros e das mídias, encontramos ou arrancamos os espaços para nossas histórias, nossas vidas, serem vistas e destacadas. Holofotes para todos os lados, e onde estamos? Em 1972-1973[15] a Globo (emissora de tv) exibia pela primeira vez um personagem travestido de mulher Ziembinski interpretava Stanislava na telenovela 'O Bofe', seria esse o primeiro transfake da história das telenovelas brasileiras?

Ainda na década de 70, em pleno Regime Militar[16] Cláudia Celeste invade as telinhas participando da novela 'Espelho Mágico', escondendo de todos sua identidade de gênero,

[14] Dados coletados disponível em site: https://queer.ig.com.br/2021-03-02/transfake-a-exclusao-de-pessoas-trans-da-arte-que-fortalece-os-estereotipos.html acessado em: 29/10/2021

[15] Dados coletados a partir do blog Nilson Xavier, disponível em: https://tvefamosos.uol.com.br/blog/nilsonxavier/2012/02/22/relembre-os-travestis-e-transexuais-das-novelas/ . Acessado em:25/09/21;

[16] homossexuais e travestis viviam em regime de terror, sendo frequentemente perseguidos e presos pelas polícias nas ruas. Entre os anos de 1975 e 1982, durante as administrações de Paulo Egydio Martins e Paulo Maluf, em São Paulo, as rondas policiais no centro da cidade eram destinadas especialmente à abordagem

tornou-se a primeira travesti a interpretar um papel numa novela, um desafio que lhe colocava em risco a ponto de perder o papel, que interpretava ao lado de Lima Duarte e Sônia Braga. Retornando as telenovelas em 1988 na novela 'Olho por Olho', Cláudia Celeste então ganha vida agora com toda sua irreverencia evidenciando seu gênero como atriz, dando vida a sua personagem nas telinhas, atuando num papel fixo pela emissora Manchete.

Ao longo dos anos atrizes e atores compactuam sua atuação estimulando o transfake, assim como o Ivan, um homem trans representado recentemente pela Carol Duarte no ano de 2017 na novela 'A Força do Querer' na Globo. E o que estes casos que lhes apresento tem em comum?

Nada e ao mesmo tempo, tudo.

Somos marcos e marcados pelo tempo e pelas violências contra nossos corpos em diversos ambientes. Na década de 70 repreendidos e perseguidos pelo Regime Militar, ambientes televisionados eram restritos a pessoas cisgêneras, longe dos holofotes os governos confrontava diariamente na intenção de "exterminar os grupos sociais inofensivos cuja existência era inconveniente aos valores morais preconceituosos impostos pelo regime". Ainda assim a Cláudia Celeste rompe com as estruturas lhe apresentada, defende seu espaço, mostrando sua potencia e principalmente sua capacidade de atuar, de interpretar papeis tanto ocupado por pessoas cis quanto por pessoas trans.

Onde se dá o transfake? Atores/atrizes cis escalados a interpretar personagens de pessoas trans e travestis, um domínio que por vezes interpretado por pessoas cis compulsoriamente impossibilitando e inviabilizando circuitos empregatícios a pessoas trans e travestis de ocuparem, papeis estes que não somente lhes cabem, quando também é tomado a partir de suas vivencias e experiencias de vida.

Logo o papel criado por Cláudia interpretando uma mulher cis na intenção de conseguir um espaço profissional e conseguir um papel na novela Espelho Magico, assume uma dualidade entre o transfak e o cisfake[17]. Não no sentido de ocupar a vaga que não lhe cabe, mas na necessidade de hackear espaços que lhe pertença.

---

violenta e à prisão dessas pessoas pela suposta prática de vadiagem... do acervo de Vladmir Herzig da revista Memorias da Ditadura, disponível em: https://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/ acessado em: 25/09/2021

[17] Termo que utilizo na intenção de passabilidade no meio cis afrontando o cis-sistema de permanência e persistência dentro dos lugares aos quais não são abertos ou permitidos as pessoas trans a ocuparem, o qual, utilizando da passabilidade (termo utilizado aqueles cujo se assemelham as características próximas a cisgeneridade) para ocupar determinados espaços.

2.1.2. Desobediente: sou trans do meu jeitinho

Lidamos com rótulos o tempo todo em nossas vidas, exemplo disso são os rótulos dos cremes que utilizamos nas nossas peles, em nossos cabelos, mas para além desses rótulos, existem rótulos que nos atravessa o tempo todo. Negrinhao/a de cabelo ruim, moreninho/a cor de jambo, macho/fêmea. Para existir em meio social aprendemos desde muito cedo a rotular, mapear aquele/a corpo/a que está diante de nós. As tetas que lhe apresentam diante de seu corpo, as curvas que lhe cabem a cintura, a voz que salta de sua boca. Será que o seu jeito moleca/que faz caber menos ou mais nas caixinhas imaginarias do que é ser homem ou mulher socialmente normatizada pelo cis-sistema cisheteronormativo?

Com os olhos fechados, escutamos os sons e damos vida a nossa imaginação, e de nossa imaginação nos damos formas a essas vidas. A partir dos signos construídos socialmente e culturalmente, atribuímos a voz mais aguda as mulheres, as vozes mais graves deixamos para os homens, mas quem são essas mulheres de voz fina e sedosa e quem são os homens de vozes firmes e grossas? Atribuímos na engrenagem da vida que as pisadas fortes se destacam no pisar masculino, já a delicadeza envolvente com a feminilidade.

No imaginário, de olhos fechados e cegos me oponho com toda irreverencia e rebeldia. Faço do meu faz de contas, homens de buceta com delicadeza em seu falar, e mulheres de pau com suas pisadas fortes e firmes em meio a suas feminilidades,

Fugindo das regras. Que regras?

2.1.3. Persistente, não perCIStente: cisgeneridade tóxica

Vai, não te demores! Lute, persista e jamais desista!

Cansei de ser chamado pelo gênero que não me identifico ou de ser conduzido ao banheiro que não me corresponde, cansei de suas desculpas, errar o nome, o pronome ou ter que enfrentar as corriqueiras situações “me esqueci”, “mas, qual é o seu nome de verdade?”, “você tem buceta ou um pau entre as pernas?”. Cansei! Cansei da sua indiferença, do seu jeito de pensar que devo ser como você quer que eu seja, me desculpa meu amor, eu sou transgenero, travestigenero, sou o que eu quero ser e pronto. Se te basta ou não, não me diz respeito, aqui tu vai ter que respeitar.

Quantas batalhas vivenciamos dia após dia, tornando o possível o simples fato de existir? Sair de casa as 7 horas para trabalhar, ocupar seu tempo de 8 horas incansáveis de

labuta, ir para faculdade, mais 4 ou 5 horas de estudos e enfim voltar para casa, arrumar seu lar, preparar sua comida, trocar afetos com seu/sua família. Uma realidade quase inexistente fora do "padrão da cisgeneridade". A cada instante em algum lugar do Brasil alguma pessoa trans está sendo agredida, violentada, copiosamente ofendida, assassinada. Nossas Lutas são por um instante a mais, pelo direito de viver, não de sobreviver. Porque estamos a todo momento enfrentando e persistindo em nome de nossa sobrevivência, nossa dignidade, por nossas vidas.

Como o estreito canal de corinto na Grécia, atravessamos e persistimos contra todo silenciamento, o apagamento histórico de nossas transcetralidades[18], afrontando a percistencia do patriarcal cisheteronormativo, as rupturas familiares que nos é imposto. Reescrevemos nossas histórias, traçando e delimitando nossos espaços, mapiando nossas memorias para aqueles do passado sejam lembrados, para aqueles do presente sejam fortificados como uma fortaleza, e para aqueles do futuro possam então desfrutar das memorias, que possam ter a força e a coragem para cultivar uma vida repleta de frutos. Ser e existir conforme deseja e assim o seja.

2.2 Paletas de pele: elos de uma corrente (in)visível

O que me veste a pele além d'alma,
Uma camada a mais da
Sujeira que me rompe e dilacera a pele,
Só mais uma gota
Khalil Piloto

A epiderme é a camada mais superficial da pele, onde atravesso com a poderosa agulha que age como intermediaria na passagem do poderoso liquido capaz de arrebentar correntes e algemas proporcionadas pelo cisheteronormativo branco, a epiderme tem seu propósito de atuar como uma barreira de proteção do corpo. Proteção essa desconhecida pelas picadas das massas preconceituosas que me atravessa em raça e gênero.

Traçar um elo entre o visível e o invisível parece um tanto quanto complicado quando falamos sobre correntes, mas não é bem assim, em todos os momentos nossos corpos

[18] Ancestralidade trans, termo utilizado pela transpóloga, atriz, dramaturga, diretora Renata Carvalho numa conversa em meio aos encontros proporcionados pela MITsp (mostra internacional de teatro de São Paulo).

perpassam por diferentes situações onde o visível e o invisível dialogam constantemente, sejam elas de forma estrutural ou institucional.

Aqui farei relação as paletas da pele tratando dos trajetos que marcam a pele negra como um marcador marginalizado, o racismo institucional/estrutural, de acordo com Quijano (2005), foram herdadas durante a época colonial onde venho associar a transgeneridade negra na atualidade.

> A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, (...) raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial. Essa codificação foi inicialmente estabelecida, provavelmente, na área britânico-americana. Os negros eram ali não apenas os explorados mais importantes, já que a parte principal da economia dependia de seu trabalho. Eram, sobretudo, a raça colonizada mais importante, já que os índios não formavam parte dessa sociedade colonial. Em consequência, os dominantes chamaram a si mesmos de brancos. QUIJANO (2005, p.117)

Segundo Quijano entre a cor que me veste e o cis-sistema que nos condenam alimentada pelo colonizador e o colonizado, contribuindo para que a transgeneridade fosse alvo de agressão e opressão enraizada pela herança colonial heterociscentrista ao classificar as raças de acordo com o fenótipo associados à sua cor, assim como sua posição social, colonizado ou colonizador.

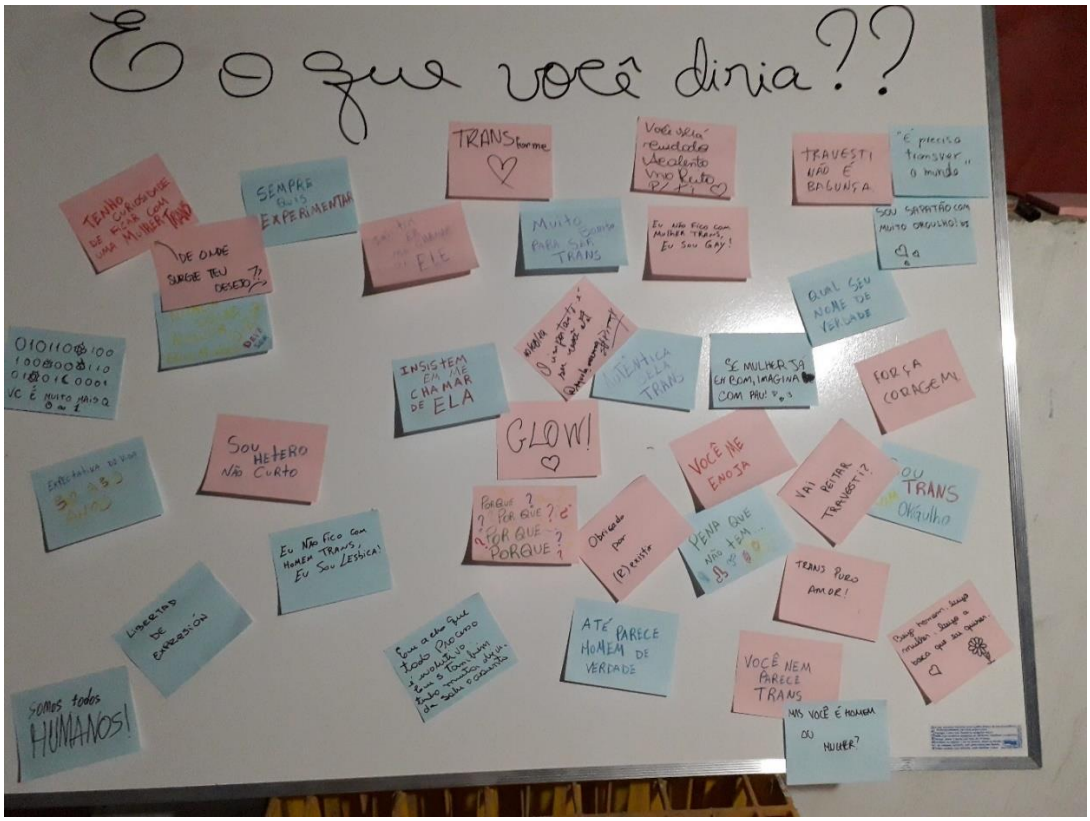
Opressão essa experenciada desde os primeiros registros da primeira Travesti do Brasil em 1591, Xica Munanga, com sua pele negra trazida do Congo, foi escravizada, condenada e perseguida pela cor que lhe vestia, acorrentada ao gênero atribuído ao nascimento ao se deparar com a inquisição foi julgada e condenada por praticas sodomitas.

Assim inicia nossa história do corpo que carrega o fenótipo marginalizado, oprimido por aquele que nos colonizou e nos coloniza até os tempos atuais, onde pais assume ou não a responsabilidade de nos ensinar sobre os perigos das ruas, ou nos abandonam nas ruas, nos alertam como potenciais alvos de perseguição daquela política pública que nos assegura (in)segurança, ou pelos afetos e ternuras ilusórias que preenche um prato de comida provindas do trafico e/ou prostituição. Resquícios de uma era acorrentada de uma doentia sociedade que carrega as ciscatrizes de uma Colonização que alimenta até os dias de hoje pelo cis-sistema.

Em uma das apresentações do Sarara Trans após diversas discussões em torno do documentário *Meu Corpo é Político* dirigido por Alice Riff lançado em 2017, acerca da pele que vestimos, do corpo que carregamos, marginalizados pela raça e gênero, incitei ao público presente que escrevessem através dos post it's 'O QUE VOCÊ DIRIA?' aquelas pessoas que

constantemente passam por depredações, violências, exclusão social, constantemente sendo violentadas e mortas apenas por existir;

Através do contato com o documentário e das vivencias experenciadas na 1ª edição do Sarará o público pode contribuir com suas indagações e questionamentos, em ato aberto de escrita as pessoas escreviam livremente o que diria às pessoas trans, após uma aproximação ao cotidiano da população trans. Em que a partir dessa indagação direcionada ao público alcançamos um resultado satisfatório quanto o diálogo entre público e obra, atingindo no aspecto afetivo e no campo do sensível, levantando questionamentos que penetrava em seu íntimo. Inquietações que posteriormente resultaria em mudanças.



Quadro exposto na 1ª edição do Sarará Trans, aberto ao público para escrita livre sobre o que você diria a população trans

2.2.1 Paleta eurobrasileira gelada e pálida: a negritude forjada pela escravidão

mas tá, vai, vamos confessar
que é pura falta de vergonha na cara
e muitíssimo orgulho do nosso plano macabro
na verdade a gente tá ligado
deve ser foda estar num sistema que quer te ver esquartejado

mas a gente não liga,
a gente até quer colaborar
não é por nada não
é que assim sobra mais lugar pra trampar
faz o dinheiro rodar
tira ônibus de circulação, a vida fica livre
pra gente passar de carrão
a gente que te ver limpando chão
dando pro capitão
a gente quer ver você comer merda
quer jogar sal na ferida
quer RIR
da sua cara aterrorizada sangrada estampando a revista
de piada
morre logo filho da puta
você e esse bando de traveco aidético
metido a sabido, a bonito
de vocês? a gente vai arrastar cada mãe e filho
pra vocês? a gente vai inventar a próxima droga barata
injetar na quebrada e ver a tua juventude morre
sem chance pra nada
hip hop?
cês tão achando mesmo que alguém liga
pra rima?
pra pobre?
negro ainda vai ser sinônimo registrado e patenteado
de sola de sapato
a gente é europeu, querido
aqui todo mundo é bonito, feliz
saudável
aqui todo mundo come glutén free
ninguém precisa repartir
partir
imigrar

aqui, a buceta de vocês vai ser pra sempre nossa
a pele de vocês vai ser o escarro maldito
registro
de todas as famílias arrancadas, usurpadas, assassinadas
com as quais a gente tece
o bordado dos nossos casacos
é isso que vocês são
é isso
é isso ASSUME
ASSUME
cambada de branco safado
assume que é isso o que a tua história conta
assume que é você quem colhe
é disso que você se alimenta seu puto
é o que sustenta o quilo de lichia que você compra
seu queijo brie, suas planta
é isso que paga o seu convenio medico
terapia uber cartão de credito
a história do teu povo tá em nome de rua,
tá na placa, no museu, na estátua
tá contata! registrada! tá sendo ensinada
você esqueceu? ué! Não aprendeu?
distraiu? tá cansado?
segura teu playstation, segura! segura firme
é tudo que vai sobrar do teu legado
ce já vai tá no microondas quando entender
que o teu trono tá derrubado
olha pra cima, puto
você precisa ver

Poesia de Preto Téo[19]

[19] Martins, Téo, EP/Téo Martins. – 1ª. ed. Brasilia (DF): padê editorial, 2018.

A paleta, para os mexicanos, é uma coisa corriqueira. É sorvete de carrinho, que você compra na rua. Assim é, a mão de obra trabalhista em nosso país, corriqueiro e não valorizado. Apanhado na rua, assim como descartado a qualquer sinal de "não corresponder as exigências da empresa.

> O racismo constitui, como se sabe, um mecanismo fundamental de poder utilizado historicamente para separar e dominar classes, raças, povos e etnias. Seu desenvolvimento moderno se deu com a colonização, com o genocídio colonizador. O racismo é, como disse Foucault, "o meio de introduzir […] um corte entre o que deve viver e o que deve morrer". "No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação das raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. […] o racismo faz justamente funcionar, faz atuar essa relação de tipo guerreiro − 'se você quer viver, é preciso que o outro morra' − de uma maneira que é inteiramente nova e que, precisamente, é compatível com o exercício do biopoder." LEITE (2012)

Nossas existências quanto negras/os e trans são atravessados por genocídios que se entrelaçam em determinados momentos, em gênero, classe e raça. Ser negro numa sociedade marcada pelas feridas do colonialismo é carregar as ciscatrizes da brutalidade escravocrata, beirando o precipício da arte de viver. Nas favelas periféricas ou quilombos urbanos, carregamos a essência do nosso povo, da nossa ancestralidade. Assim como, carregamos o estereotipo e fenótipos que nos tornam alvos de perseguição e atrocidades, fetiches e correntes. Brutalmente assassinadas pelo desejo violento ou pelo fetiche reprimido? Escravizados/as pela pele e pela carne, desejada pelo corpo e marcada pela alma.

> (...) A violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, continua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. SOUZA (1983, P.2)

2.2.2 Paleta brasileirinha de chocolate com leite condensado: a negritude de pele clara, a mente colonizada e o embranquecimento da raça

Sueli Carneiro (2004) vem desmistificar a categoria moreno, pardo com seu texto 'Negros de Pele Clara', onde ela apresenta as nuances do embraquecimento da raça ou

apagamento ancestral étnico, qual defende a teoria que não se faz menos negro por ter um/a pai/mãe branco/a. Acentuando a "traição à negritude, que são sempre oferecidos aos mais claros".

Destacando a essência da miscigenação como fonte de produto/poder do colonizador hegemônico branco, qual por razões de poder e controle produz o que chamamos de embraquecimento da raça com proposito de hierarquizar a paleta do tom de pele, onde o branco ocupa o topo da pirâmide e o negro retinto a base mais baixa da pirâmide.

> A fuga da negritude tem sido a medida da consciência de sua rejeição social e o desembarque dela sempre foi incentivado e visto com bons olhos pelo conjunto da sociedade. Cada negro claro ou escuro que celebra sua mestiçagem ou suposta morenidade contra a sua identidade negra tem aceitação garantida. O mesmo ocorre com aquele que afirma que o problema é somente de classe e não de raça. Esses são os discursos politicamente corretos de nossa sociedade. São os discursos que o branco brasileiro nos ensinou, gosta de ouvir e que o negro que tem juízo obedece e repete. CARNEIRO (2004)

2.2.3 Paleta afrobrasileira de framboesa preta com jamelão: o racismo institucional

Qual a primeira coisa que passa pela sua mente ao andar na rua a noite e ver um rapaz negro andando atras de você? Qual primeira coisa que imagina ao ver uma mulher negra andando na rua sozinha de saia curta, cropped e salto alto? O racismo institucional impregnado em nossa sociedade nos leva a diversas direções quando falamos da população negra. É atribuído a nosso tom de pele ou fenótipos, onde devemos ocupar, e a distinta forma de tratamento entre brancos e negros.

No interior do estado de Minas Gerais uma professora negra[20] recebe diversas ofensas racistas por uma mãe de aluna.

No estado do Rio de Janeiro João Pedro Matos Pinto[21], assim como outros tantos jovens são vítimas de confronto policial diariamente, vitimas do estado ou sua pele que é marcada pelo alvo que lhe condena?

A discriminação racial institucional enraizado em nossa sociedade é cruel e desumana, desamparando famílias, destruindo lares, criando marcas e ciscatrizes profundas. Uma visita ao mercado, a um shopping pode ser uma tortura para aquele que será perseguido pelo tom de

[20] SILVESTRE, Aurora Rosa. 'Professora negra de Minas Gerais é ofendida por mãe de alunas'. Portal Geledés. Disponível em: https://www.geledes.org.br/professora-negra-de-minas-gerais-e-ofendida-por-mae-de-alunas/ . Acesso em 05/10/2021.

[21] FRANCO, Luiza. Caso João Pedro: quatro crianças foram mortas em operações policiais no Rio no último ano. BBC News Brasil em São Paulo. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-52731882 . Acesso em 05/10/2021

pele que lhe veste, assim como ser trans num país transfóbico e racista, sair de casa para trabalhar é não ter a certeza se ira retornar pra casa ao fim do dia, é sair para um encontro de amigos e não saber se em alguma esquina da vida será agredido ou confundido com algum "procurado pela justiça" mas que 'justiça' é essa que nos mapeia e identifica como culpados?

2.3 Fases da lua: enraizando a negritude trans

Identificando corpos em meio aos genocídios, marcas e passagens apagadas da história, existem as vozes que mantem viva a história das transgeneridades, Xica revitaliza e nos unem, nos fortifica.

> O século XXI testemunha o ressurgimento da Xica, como símbolo, heroína, rainha, nas vozes e escritos dessa gente trans contemporânea, que a transforma em âncora desse barco que, pretende-se, prende-nos ao porto tão almejado de algo que se chama "cidadania". Termo inseguro e assaz inconsistente, inalcançável há milênios para os grupos historicamente discriminados, esse "ser cidadã(ão)... Algo que almejamos por ainda sequer sermos consideradas "gente". Nós que lutamos para ter reconhecida a nossa mulheridade, estatuto de nossa condição de mulheres, quando mulheres trans. Ou de homens, quando homens trans (...) JESUS (2019, p.258)

Segundo JESUS (2019) para termos consciência de quem somos precisamos de memória, de ter conhecimento de nossa história, de onde viemos, de que a nossa população lutou, e morreu, para que tivéssemos os mínimos direitos dos quais hoje gozamos. Ao refletir sobre a importância de reavivar a memória não somente as memorias ancestrais de Xica Manicongo, como também, as memorias das silenciadas e apagadas pelo cis-sistema. Nos mapiar quanto população e nos unir, para os nossos e os próximos possam viver com dignidade e direitos.

2.4 Produção e recepção cultural: sonhar grande ou pequeno dá o mesmo trabalho

Nasce uma ideia! Nasce um sonho!

Sonhar grande ou pequeno dá o mesmo trabalho, quando você está em busca de algo novo em sua vida, você olha pra suas referencias de vida, suas ambições, seus sonhos; mas o que seriam seus sonhos sem coragem ou ousadia? Sonhar com o dia do casamento, ter filhos, ou o dia que irá se formar mestre ou doutor, ambos exigem tão igual esforço e vontade, ambos seguem de forma distintamente a paixão, o amor. Sonhar com uma graduação, um mestrado

ou um produto de pesquisa trata-se de um sonho distante pra sociedade periférica negra e trans. Mas ainda assim é possível.

O Sarará Trans nasce em passos tortos, firmes, trabalhosos. Dificuldades e anseios jorram por todos os lados, aquele faz de conta que tudo se transforma como num passe de mágica não acontece na vida real. A história de como se dá o processo de produção do sarara trans varia de altos e baixos, desenvolver um sarau com tamanha potencia não é um trabalho fácil, ainda mais pra alguém com pouca experiencia como eu. Contar com a ajuda das pessoas envolvidas com a Abayomi casa de cultura foi um diferencial neste processo com sua horizontalidade.

Embora todos os esforços para o desenvolvimento do projeto estivesse a todo e pleno vapor, nos deparamos com certas dificuldades como falta de equipamentos de som e de iluminação que por meio de amigos e parceiros da Abayomi nos disponibilizaram iluminação, uma caixa de som, microfones, fiações.

De leste a oeste pensamentos e organizações rondavam em torno dos trabalhos a serem produzidos, pendencias administrativas, programações, cuidando do ambiente onde as obras seriam instaladas, acomodações do público. De norte a sul mapeamos artistas locais, e artistas de outras localidades, aliando forças tornando possível a realização do Sarau sem verba.

Num mundo capitalista onde vivemos, criar parceria e convidar artistas sem remuneração ou cache algum é como ter números premiados para jogar na loteria sem ter dinheiro para comprar o bilhete. Entretanto, o fortalecimento dos artistas de viabilizar que sua arte chegue a todos os espaços que lhe são ofertados com a proposta de protagonizar sua arte, sua vida foi mais forte e decisiva para a realização das duas edições do Sarará Trans.

Somos jovens e fortes em busca de realizar nossos sonhos com obstáculos ou não, seguimos em frente, lutando e acreditando em nossa arte, nossa luta, nossas vidas!

3. EPISTEMOLOGIAS DA SARRADA: CRÍTICAS E DEBOCHES

De que forma o cis-sistema é violenta a (não)passabilidade ao ponto de violentarmos nossos corpos para conquistar uma caracterização proximal ao cis? Critica pesada, mas necessária. A passabilidade consiste em o quanto a pessoa transgênera se aproxima as

características físicas, aos corpos legitimados socialmente como homem ou mulher, pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído desde o nascimento, ou seja, pessoas cisgêneras.

Daí cria-se a falsa concepção de que para ser trans deve se atentar a quantidade de característica cis tem se projetado para si mesmo. Marcadores que nos assemelha ou nos diferenciam uns dos outros.

Desmistificando uma errônea tradução acerca da passabilidade, somos ensinados a performance de gênero desde o nascimento, a submeter nossas performances dentro do que é imposto, de acordo com o binarismo, o que é ser mulher e o que é ser homem, não sendo restrita apenas aos corpos dissidentes, mas também aos corpos "legitimados socialmente" como homens e mulheres.

São detalhes da formação do ser que lhe são impostas durante sua criação, no sentido de se enquadrar na performance instituída pela visão hegemônica do Estado. Essa construção se dá a partir da significância gerada acerca do azul e do rosa, boneca e carrinho, vestido e short sem camisa, assim como outros tantos signos que constituem esse enquadramento social.

A construção do que é ser trans, é estar e não estar, a todas as outras corpas que não se restringe a binariedade como performance. Restringindo a vasta possibilidade que se encontra fora da performance binária. Entretanto uma imensidão de diversidade, universos únicos. Onde pré-estabelecer um padrão de passabilidade, de postura, ao ser aceitável para a legitimação compulsória é irreal quando apresentamos características que transcende esses padrões pré-existentes.

Homem de buceta, mulher de pau.

PRECIADO (2014, p. 24), manifesta acerca da contrassexualidade afirmando que "o desejo, a excitação sexual e o orgasmo não são nada além de produtos que dizem respeito a certa tecnologia sexual que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade". Portanto a genitália ocupa seu próprio espaço, paralelo e distinto do gênero, cabendo aqui então levantar a discussão acerca do papel do estado ao nos limitar o acesso a essa vastidão de possibilidade de leitura de gênero ao nos certificar como fêmea ou macho a partir do orgão reprodutor.

Identificar esses espaços onde os órgãos reprodutores, a genitália, perpassa o gênero é delimitar onde cabe cada um a sua própria individualidade e conceito, para então abranger uma discussão real da significativa e das possibilidades cabíveis ao todo. Gênero e sexualidade. BUTLER (1998, p. 297) vem nos afirmar que o gênero não tem uma "identidade

estável", o gênero é construído com o tempo, a partir da "repetición estilizada de actos", (repetição estilizada dos atos) das experiências individuais.

As vivências tem sua singular importância dentro desse processo, ao nascer somos institualizados pela visão hegemônica do Estado ao padrão cisheteronormativo, ou seja, já pré-estabelece o gênero e a sexualidade, de acordo com seu órgão genital socialmente normatizado pela cisbinariedade, tornando tudo além do cisbinarismo como pratos desconhecidos ou proibidos, marginalizados de forma opressora e corrupta pelos cis-sistemas de controle sociais.

Escancarando uma prisão onde pertencemos e não pertencemos, as indústrias farmaceuticas, engendradas ao cunsumo compulsorio das marcas que reproduzimos em nos mesmos.

3.1 *Que passabilidade beu abô?* Etnografia pajubá

Quem sou eu nessa passabilidade que não me alcança, quando ser trans destaca-se para além de qualquer padrão exercido pelo cisnormativo. Varias picadas de testosterona ao longo de dois anos e meio, barba, bigode, pelos por todo o corpo, a voz tornado-se mais grave. Mudanças que no decorrer das aplicações o corpo vai se alinhando, embora ainda não tive condições financeiras para bancar a retirada das tetas provo do sabor, do reconhecimento, dos olhares que nem disfarçam pela tamanha curiosidade.

É, são tetas gigantes de homem! Homem trans com orgulho!

Sou homem de tetas grandes, delicado, doce e carinhoso. A relevância das características atribuídas socialmente do que é ser mulher ou ser homem conflitem na que chamamos de passabilidade, ao se deparar com as características que nos assemelha ás características dos homens e mulheres cisgeneras, uma voz grossa e uma barba cofunde a passabilidade do homem trans, assim como a voz fina, depilações e seios de silicone das mulheres trans, mas a busca pelo corpo ideal vai além de uma falsa passabilidade cis, envolve sonhos e desejos internos que se diz unicamente da individualidade de cada um/a, a expressão de gênero não se limita a ter seios ou não, vai da idealização do corpo que expressa sua essência.

Em uma entrevista à revista *BuzzFeed*[22] Daniela Andrade diz que "Um dos problemas é acreditar que a transexualidade está relacionada basicamente a quanto a pessoa se parece cisgênera. É preciso que a sociedade entenda que nem toda pessoa trans tem os recursos ou o desejo de passar por cirurgias e procedimentos estéticos."

Para a cisgeneridade em título empregatício e convívio social, para ser trans necessitamos de mudanças corporais, uso de hormônios ou de faixas e binders, remetendo a ideia de passabilidade e falsa "aceitação" no qual passar por cis nos remete a possibilidade de existir em meio social.

3.2. Abayomi Casa De Cultura: alianças com pessoas cis pretas e trans brancas

Vivia sorrindo, correndo e por vezes cantando
Abayomi,
Me permitir rir, sorrir e ser feliz.
Com minha Abayomi,
Voei alto
Fui ouvido, enfim!

Khalil Piloto

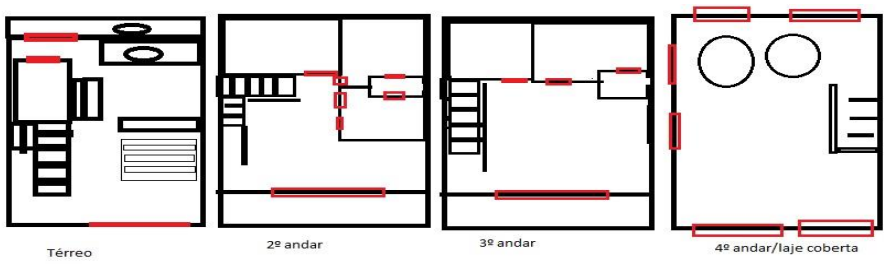
Abayomi[23] é um nome Iorubá que significa "encontro precioso". É também o nome de uma boneca feita de tecido, apenas com nós e amarrações, sem costura ou cola, cuja lenda, conta que sua origem é africana. Acredita-se a que essa boneca era feita em nosso país por nossas ancestrais africanas que foram escravizadas, que tiravam pedaços de pano de suas roupas e amarravam as pequenas bonecas para acalmar e acalentar seus filhos e filhas. Um presente que representa o melhor de si para o outro.

Assim como o significado da palavra Abayomi, a Abayomi Casa de Cultura é um lugar que permite encontros preciosos, inserido na periferia da cidade de Porto Seguro no Estado da Bahia, formada por um coletivo de artistas que valoriza e posiciona em torno das artes desenvolvidas pelas pretitudes periféricas, tornou-se símbolo de resistência às artes marginalizadas.

[22] Coluna escrita por Victor Nascimento. Disponível em : https://buzzfeed.com.br/post/o-que-e-e-porque-voce-precisa-entender-mais-sobre-passabilidade acessado em 14/10/2021.

[23] foi criada em 1987, no Brasil, pela artesã Lena Martins. Filósofa e ativista, nascida em São Luiz (MA), a educadora popular e militante do Movimento das Mulheres, criou a boneca no final dos anos de 1980, junto ao movimento negro, em paralelo aos atos de rememoração dos 100 anos da abolição. Texto acessado no dia 20/12/2021 no site: https://www.urdume.com.br/post/abayomi-aquele-que-traz-alegria

Assim como presente a Abayomi Casa de Cultura surgiu para a cidade de Porto Seguro, contribuindo com o fortalecimento das vias artísticas de periferia compartilhando o melhor de si para a comunidade, presenteando o Sarará Trans, acolhendo e agregando as percepções trans e cis na emergência de repensar o cis-sistema cisnormativo. Aliei-me ao coletivo na finalidade de contribuir, me envolvendo com seus princípios que envolve arte, ancestralidade e sustentabilidade, uma responsabilidade de agregar valores. Aprendi e amadureci com as trocas coletivas de afetos e conceitos.



Desenho feito no paint da Abayomi Casa de Cultura a partir de memorias.

Desde sua estrutura com escadas estreitas, quartos que se transformaram em salas, salas/garagem que se tornam palco, laje que abriga cinemas e danças, debates e encontros, assim é a Abayomi, um lugar de transformações e acolhimento de forma horizontal, sem hierarquia ou funções.

Durante a construção do Sarará Trans, o coletivo formado por pessoas cisgêneras assumiu um papel de grande importância, enriquecendo e aprimorando o desenvolvimento da produção, detalhes formalizados e estabelecidos em reuniões, Dira Fernandes sempre me auxiliando pontuando as necessidades, documentos, organizações e conselhos, assim como Marcos Farrapo sempre pronto a e prestativo com as luzes, manuseando o som, posicionamento e marcações. Gabriela e Rony Kendi sempre nos conscientizando sobre a alimentação saudável e rica em nutrientes, mas se for pra falar em comunicação digo que tenho absorvido aprendido muito com Vinicius Santos e Dira Fernandes, com todos os tributos possíveis de Desing e Comunicação, Pâmela a mim cabe toda a gratidão por reunir tantos/as artistas comprometidos em promover afetos, valorizar a cultura e a ancestralidade, por está sempre presente em todos os momentos e realizações dos eventos, pelas animações produzidas.

Gratidão!

3.3. ANÁLISE: parâmetros de produção e de recepção cultural

O que é atribuído ao negro além dos cortejos de sua pele? Ao transgênero, seus traços e genitálias? Quais são os espaços que permeiam a produção quando a dura realidade lhe bate a porta?

Sem verba, porem soltando o verbo. A cada degrau uma sentença, em todas direções o apoio da produção do Sarará se dá a partir do coletivo de artistas da Abayomi casa de cultura, que compartilhando saberes e fortificando laços de amizades e companheirismo, lançou energias positivas ao universo, proporcionando a realização das duas primeiras edições do Sarará Trans, juntos elaborando ofícios, organizando espaços, projetando cada detalhe, até mesmo o processo de curadoria, apresentações, enfim.

Ao elaborar espaços de acolhimento para exposição das artes projetamos os sentidos e sentimentos a serem alcançados e acolhidos pelo público, determinamos o cenário a ser apresentado, em confabulação com a abordagem escolhida. Temos em primeira apresentação o "bebê trans" que remete o sentido da gestação, o bebê sem gênero que transiciona ao nascer ao ser atribuído um gênero o qual ele será doutrinado a exercer ao longo da vida; o documentário "meu corpo é político" que levanta discussões sobre a população transgênera e suas dificuldades de engajamento social, que vivem a margem da sociedade em busca de saúde, emprego e visibilidade. Fundamentais para traçar e atiçar discussões entre artistas e público, construindo um elo de empatia as vivencias da pretitude trans periférica.

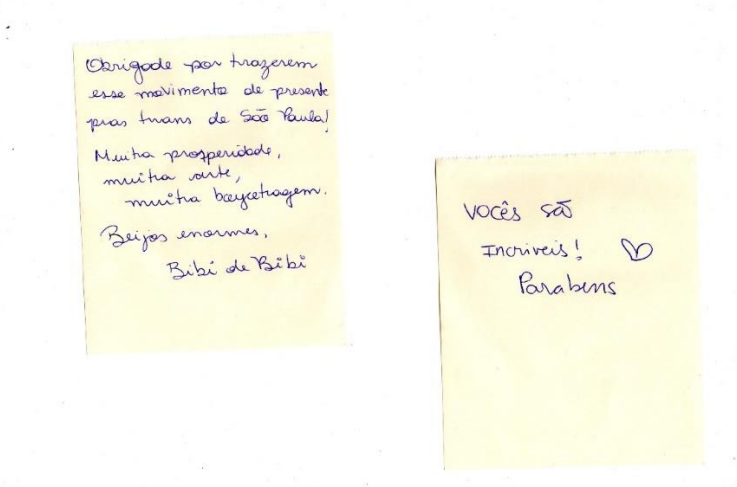


Imagem: texto recolhido pós apresentação da 3ª edição do Sarará Trans realizado pela MITSP em São Paulo

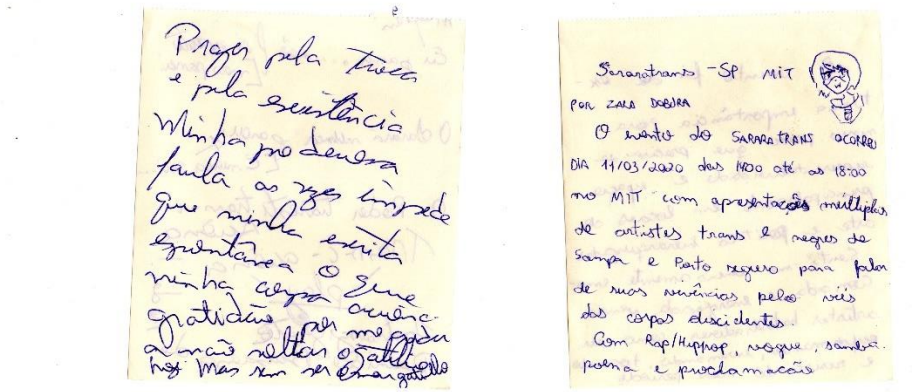


Imagem: texto recolhido pós apresentação da 3ª edição do Sarará Trans realizado pela MITSP em São Paulo

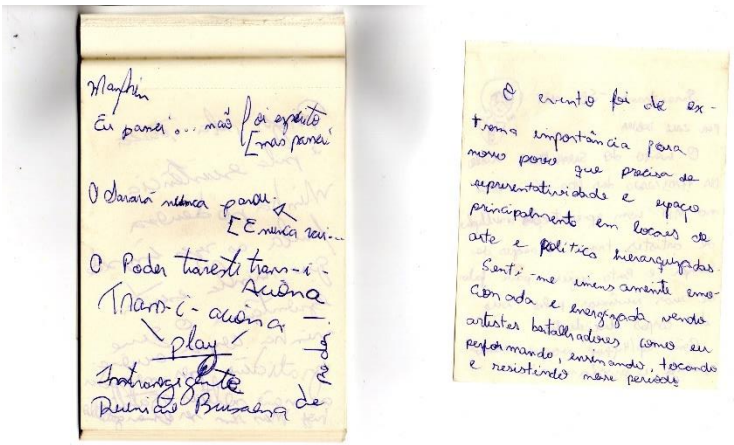


Imagem: texto recolhido pós apresentação da 3ª edição do

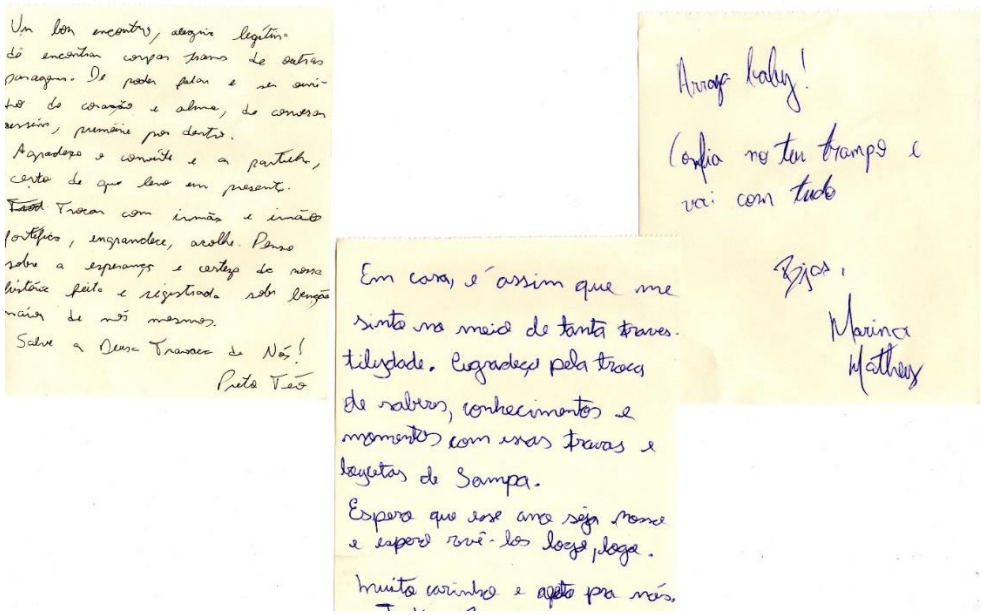


Imagem: texto recolhido pós apresentação da 3ª edição do
Sarará Trans realizado pela MITSP em São Paulo

O Sarará Trans tencionando esse laço de casa, lar. Essa força remanescente, abrasiva, resplandece de representatividade em fazedura comove e move público x obra numa vivencia singular através desse mix da diversidade artística.

4. **SARARÁ TRANS: um sarau do protagonismo da negritude trans**

Ser a (in)visibilidade que permeia a noite e o dia com impunidade acompanhada da violência que grita para outras(os) que compartilha dos corpos travestigeneres alvo das cisheteronormatividade hegemonica que dita quais as regras para ocupar os campos do protagonismo negro, até mesmo de suas próprias vidas quando se diz respeito a população travestigenera, ditando quais os locais da invisibilidade social devemos ocupar, sem teto,

familia ou um lar, aprisionados aos elos de crueldade e de insignificâncias, assim ‘sem era nem beira’, nascido para sobreviver aos campos de extermínio num país repleto de brilhantismo na arte de julgar, condenar e matar tantas travestigeneres que me perco nas contas.

Eis que em meados do fim do mundo que um dia conhecemos, no ano de 2019 numa inquietação e como numa panela de pressão a todo vapor, ideias jorrando por todos os lados, surge o Sarará Trans, um mexidão de tudo que perpassa por nossos cotidianos, performances, musicas, artes, audiovisual, palhaçaria, poesia, um palco de vivências e convivências entre pessoas trans e cis, proporcionando o protagonismo da negritude trans, projetando suas vozes, seus feitiços e sabedorias.

Senhorias eis que apresento o Sarará Trans, um sarau que visa o protagonismo da negritude trans em volta das artes a partir de suas vivências, criando seus próprios caminhos e espaços para a visibilidade social. Quem somos nós? Todo aquele marginalizado que vivem à beira do precipício diariamente às margens da sociedade, somos cabeleireiras(os), professoras(es), atrizes(ores), escritoras(es), diretoras(es), médicas(os), poetas, etc(…), coexistindo e resistindo diariamente as violências que assola nossas vidas.

Através do Sarará Trans podemos traçar e mediar diálogos entre corpos travestigeneres e a cisgeneridade de forma contextualizada por meio de debates e a própria historicidade das travestigeneres que permeia entre o espaço dentro (provocações dirigidas pelo Sarará) e fora (provocações televisionadas e noticiadas como por exemplo), utilizando de curtas metragens, filmes, documentários e desabafos como gatilho para desenvolver tais debates. Aproximando o público, convidando-o a experienciar tais vivências por diversos lampejos lúdicos como estratégia de incitar a relevância de ocupar e hackear tais espaços.

Um delicado passo organizar pensamentos, nortear estratégias, eis que temos o processo de curadoria surgindo, sim delicado como uma xícara de chá num dia chuvoso, um blues tocando ao fundo, caneta e papel na mão, vamos lá, a mente está fervilhando de ideias e a única coisa que vejo tomando forma é o sofá que me acolhe. Sim, precisamos de ambientes aconchegantes e acolhedores, seja compondo, escrevendo ou/e trabalhando. Vamos lá! Eu convido a todas(os) a caminhar comigo por meio deste processo que está longe de ter um fim, em passos firmes, vamos tracejando e abrindo espaço para as(os) nossas(os) que vem depois de nós, assim como as(os) travestigeneres que vieram antes de nós, fizeram.

O sarará trans nasce primeiramente com o intuito de viabilizar a construção da nossa cidadania, ou seja, a busca por nossos direitos. Enfatizando o pertencimento quanto

protagonistas de nossas próprias histórias, a negritude trans para além dos retratos marginalizados que nos foi imposto ao longo do tempo.

> (...) a importância de refletir sobre si mesmo/a, sobre seus modos de habitar o mundo, suas ações, suas palavras e seus silêncios, as/os seres humanas/os percebem em si a possibilidade da mudança. Inconclusos/as, e sabendo-se permanentemente em processo de construção, as/os seres humanas/os retomam a esperança necessária ao engajamento político. Colocam-se a luta. Reumanizam-se. BAGNARA (2019, p. 56)

Considerando a importância de trazer o protagonismo da negritude trans para a pauta dos diálogos e composição das atrações artísticas, de forma a contribuir nos eixos artístico-pedagógicos ao penetrar nos espaços de visibilidade, intervindo mediante o processo de reumanizar, posicionamento frente as lutas e rackeamentos dos espaços.

Eu determino que termine aqui e agora
Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo
Determino que termine em nós e desate
E que amanhã, que amanhã possa ser diferente pra elas
Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções
E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias...

Esse trecho é da musica Oração da Lin da Quebrada com a participação da Jup do Bairro, Alice Guél, Danna Lisboa, Liniker Barros, Ventura Profana, Urias e Verónica Decide Morrer, vem contextualizar as muitas realidades de uma guerra travada diariamente pela população trans, que lutam copiosamente pela sobrevivência, nos campos do abandono, da violência física e moral, nas portas que se fecham, nas torturas psicológicas, nos descasos, no desemprego.

'A arte que imita a vida ou a vida que imita a arte?' Ora pois, aqui é a arte acolhendo a vida, aqui é a arte nos permitindo ter uma vida, aqui é a arte como forma de sobreviver essa vida. Através da música, da performance, dos ensaios, fotografias, cinematografia, entre outras tantas expressões artísticas, encontramos nosso refúgio, nossa forma de nos expressar ao mundo. Para exigirmos o que é nosso por direito, além do aqué[24] para sobreviver ao capitalismo. O Campo da arte é uma área que viabiliza sermos vistos/as e ouvidos/as.

[24] do dicionário pajubá aqué significa dinheiro

Ao penetrar nos espaços de visibilidade a pretitude trans evidencia seu lugar de existência, um ato de resistência. Ser negro já é um desafio enorme no país que vivemos, e ser negro e trans, é sobreviver como alvo marcado e condenado!

4.1. Nova: um parto trans

Era apenas um sonho quando imaginei o caminho que viria a seguir, recordando dos momentos que desenhava a ideia do que seria o Sarará Trans. Ideias soltas que vão tomando formas, traços que se tornam desenhos.

Deletei-me nas primeiras ideias rabiscando o primeiro cenário, uma roda de conversa, compartilhando vivencias e experiencias, artistas trans negras, arrancando o véu que lhes cobrem o fato de existir. Vamos resistir!

O sarará trans foi pensado a cerca das tantas vidas da população trans, negras e não negras que vivem a margem social, enfatizando a quebra do elo que nos ridiculariza e nos censura, golpeando os muros que nos limitaram por tanto tempo, essa peregrinação se dá ao longo da composição, da produção e dos processos de cura das dores e ciscatrizes arreigado pelo cis-sistema hegemônico cisheteronormativo patriarcal.

Pela musica pactuamos com o sentir profundo, os sentidos aguçados que nos fazer refletir e sentir através das vibrações sonoras e das letras esbravejantes. Da performance travamos aliança em ritmos e rituais, nosso silêncio agora grita ao universo selando contratos com a persistência e resistência. Nas telas que outrora foram brancas, tingimos de carvão, transicionando num caminho reverso, desbranquecendo a negritude em concordância com o etnocentrismo negro.

Acordamos agora, em longa e larga escala, acordamos com nos mesmos a importância de nos tomar a frente de quem somos, e decidirmos onde pertencemos e onde desejamos estar.

Os espaços de criação nos permitem vagar em torno das memorias, da imaginação e criar um elo entre ambos, durante o processo criativo do Sarará Trans este elo foi traçado em cada escolha artística, cada apresentação, temas abordados, pautas relevantes foram debatidas atingindo ambas esferas público x artistas.

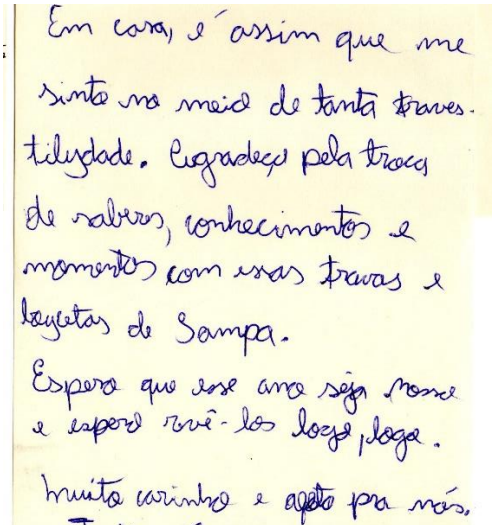

Em casa, é assim que me sinto no meio de tanta travestilidade. Agradeço pela troca de saberes, conhecimentos e momentos com essas travas e bagetas de Sampa.
Espero que esse ano seja nosso e espero revê-los logo, logo.
Muito carinho e afeto pra nós.

Imagem: texto recolhido pós apresentação da 3ª edição do Sarará Trans realizado pela MITSP em São Paulo

Adentrarei ao universo de criação através do Sarará Trans, onde experenciei a gloria de um trabalho necessário, através do movimento repercutido que o Sarará proporcionou pude capitar a necessidade dos espaços de acolhimento, como uma sombra em meio ao deserto para afagar nossas dores, e reenergizar nossas energias, nossas forças.

Lembro-me bem do dia em que fui despejado da casa que me servia de abrigo, morando no estado do Rio de Janeiro, sozinho e solitário, conheci um rapaz que me propôs dividirmos aluguel, foram 83 dias compartilhando casa, afazeres domésticos, comida, alegrias e tristezas, eu trabalhava num bar de segunda a sábado como atendente de mesa, ganhava 100 reais por semana, essa era a minha única renda. Após perder meu trabalho, passei 3 dias procurando emprego sem dizer uma palavra ao meu companheiro de aluguel, no quarto dia que sai para procurar trabalho, ao retornar, fui pego de surpresa com minhas malas, roupas e objetos postos a fora de casa, minha chave já não cabia na fechadura, sem aviso, em total silêncio lagrimas escorriam em meu rosto. Acolhido por uma vizinha que via meu sofrimento, afagou meu peito com afeto e carinho, dando-me casa e comida, um lar. Minha luz que havia se apagado, pouco a pouco recuperava-lhe o brilho.

Assim como minha experiencia de abandono e do afago de um lar, percebo que o Sarará Trans em sua abordagem permite essa leitura afetuosa de esperança e acolhimento aos descasos e abandonos político-social. Ter um refúgio que expresse de diferentes maneiras que somos quem somos, e que da arte para a arte da vida, vice e versa, nos faz mais humanos, mais donos de nós mesmos e de nossos caminhos.

4.2. Crescente: Ancestralidade Transnegra

Fluidos correndo pela corrente sanguínea, o coração batendo em seu ritmo bombeando todo tipo de fluidos pelo corpo. Bem-vindo/a ao Sarará Trans!

Fluidos densos cheios de vida, fazendo sua jornada, atravessando de norte ao sul todo meu corpo. Ao fundo, uma bateria de samba vinha em direção ao meu coração, todo gracioso e cheio dos ritmos, encantando todo meu corpo com sua sinfonia. Descontrolado com sua força e energia

Embriagado de euforia, o coração saltando pela boca, corpo trêmulo e lá vamos nós. É chegada a hora de abrir as portas da Abayomi, cujo nome remete ao encontro precioso. Hoje é o grande dia de mais um encontro precioso. Porto Seguro acomodando o primeiro movimento cultural do protagonismo da negritude trans do Sul da Bahia e, talvez, do Brasil.

Enquanto rola o teste de som para a atração principal, o público vai se acomodando e aproximando com seu olhar curioso, ouvidos atentos, olhinhos brilhando a cada detalhe. No alto em uma das salas eu me atraso nos detalhes, uma exposição em conjunta ou compartilhando exposições? Experiências? Talvez, mas, de fato a fato na outra sala, ele revela seus traços, sua poesia, sua música e todos os acordes possíveis nas curvas de cada rabisco marcado na folha papel madeira que pelo carvão era tocado. Mais ao alto, no topo onde a magia iniciava estava a favela desenhada, pouco a pouco, acomodaria um punhado de gente além do esperado.

Eis que dela surge o grito e o início de todas as chamadas, Nany Phavanely com seu vestido longo, vermelho, toda produzida na maquiagem, brilho e glamour. Nany inicia com um breve discurso pedindo que os/as convidados/as possam se aproximar e se dirigir até a nossa 1ª atração, o filme meu corpo é político, com Linn da Quebrada. Cujo foi pivô de uma discussão acerca dos corpos políticos que representamos, dessa discussão Nanny foi intermediando e compartilhando sua vivência quanto uma das primeiras pessoas trans negras reconhecidas pela cidade pelo seu trabalho e posicionamento artístico. Jeckie Chean, também artista local e acadêmico da UFSB, apresentou sua música de militância, sendo homem negro trans, apresentou suas dificuldades e vivências dentro da família e na comunidade. Eu, Khalil, pedagogo e mestrando do PPGER da UFSB e produtor do Sarará Trans, compartilhei minhas dores de forma coletiva, pensando no contexto geral das dificuldades, dos sonhos, das realizações pessoais que perpassa pelo gênero e raça. Caz, também acadêmica da UFSB,

performista e musicista, compartilhou sua historicidade, suas conquistas e seus privilégios quanto trans branca, embora não sejam tantos. Athene, graduande da UFSB, trouxe com sua arte expressões do corpo negro trans, compartilhou sua história cheio dos saberes quanto ser trans não binário. Muitos olhos atentos e curiosos se reconhecendo como corpos cisgêneros e outras pessoas, se compreendendo como transgêneras.

Nos corredores muito sussurros quanto às discussões e sobre o efeito causado pelos diálogos. Algumas dessas pessoas tiveram a oportunidade de compartilhar algumas frases de incentivo, acolhendo-as. Noutro espaço, uma performance produzida pela Caz, Vinicius e Danilo trouxe a reflexão da cor rosa, a costura e remendos com frases escritas pelo público, enquanto um vídeo provocativo impulsionava sensações. Logo abaixo a exposição de Athene, carvão sobre tela, trazendo corpos dissidentes da negritude trans. Dodi, professora na UFSB e orientadora desta pesquisa, apresentou uma instalação ousada, O bebê trans feito com um repolho, luz e som, a gestação do gênero. Erlane com sua arte transvisível apresentou desenhos e recortes com auxílio da luz negra. Nessas apresentações, o público pôde passar por diferentes experiências e reflexões únicas sobre as transgeneridades, contextualizandas pela raça. Nany e Jeckie Chean fizeram apresentações musicais trazendo a música como marco da militância negra, Marina Mathey apresentou um pocket show com muita música, performance, poesia que encantou o público com sua irreverência e ousadia, trazendo todos os olhares para se relacionar com a transgeneridade marcante e politizada. Dira, mulher negra cisgênera, finalizou com um show de pirofagia.

Em meio às apresentações, o público reagiu, participando de forma passiva e ativamente em torno das apresentações dialogando com a experiência ali apresentada. Muitos murmurinhos passavam de um/a para o/a outro/a sobre a emoção provocada a cada instante.

Durante todo processo de produção, estudos, escolha dos/as artistas e apresentações fui tomado por muitas emoções. A euforia de estar produzindo algo de tamanha importância para todos/as nós, quanto também no âmbito pessoal que passei durante o processo de produção com meu tio-avô em seus dias finais consumido pelo câncer, trazendo diversas reflexões e anseios, dores e melancolia de uma infância que pude desfrutar ao lado dele, o homem que sempre admirei e tomei como meu herói. Fui abraçado pela minha família fez o primeiro contato desde que me posicionei como Khalil, mesmo sendo referenciado ao meu apelido de infância “lilinha”, fui acolhido e, com votos de amor, pediram que com o tempo acolheriam o meu nome Khalil. Lutariam junto a mim em defesa da vida das trans.

Meu tio-avô chegou a óbito às 21h30, logo após a roda de conversa, meus sentidos, meus sentimentos todos confusos, entre lágrimas e euforia que a felicidade de estar concretizando o Sarará Trans, me permitir a um instante de luz e de afago, onde flashes passaram em minha mente, relembrando a última fala dele dirigida a mim "Deus é tão bom que me permitiu ver a todos que amo", me fortaleci com essa lembrança e voltei com sorriso largo no rosto a agraciar todo o movimento que passava por todos os espaços da Abayomi, a casa de cultura localizada na periferia da cidade de Porto Seguro que abraçou com muito carinho o projeto cujo objetivo e proposta é o protagonismo da negritude trans, seus laços e afinidades entre pessoas cisgêneras, pessoas transgêneras brancos/as e negros fortalecidos por um propósito maior, um propósito de combater a transfobia, o transfeminicídio e ao racismo preponderante no Brasil.

Ainda pelas ruas ouço sussurros, murmúrios e indagações sobre o Sarará Trans, sobre as próximas edições e o quanto é necessário discussões sobre esses corpos dissidentes. Onde e como estamos vivendo, é só uma das muitas indagações que permeiam meus pensamentos quando penso no Sarará Trans. Empregos que muito nos falta no labutar do dia a dia, especificidades quanto à nossa saúde, a segurança do ir e do vir pelas ruas mesmo que em dias claros que nos matam e nos rondam de tantos medos, quais lugares ocupamos dentro da sociedade, nossas casas, nossos holofotes, onde estão? Onde nos pertencem? E assim sigo minha pesquisa, trazendo novos olhares ao redor desse lugar de pertencimento e de resistência, estreitando laços de afeto.

4.3. Cheia: da força

Segundo passo. Um largo salto. A realidade bate à porta, apresentar o Sarará durante a agenda que preparamos para a Casa de Cultura, Abayomi Festival de Arte e Cultura Preta.

Planejamentos a todo vapor, convites sendo feitos, uma corrente do bem lançada na internet: a famosa vaquinha para nos ajudar custear o Festival. Muitos vídeos lançados na rede reforçando o pedido de ajuda para realização e reiterando a importância do Festival, de trazer nossas/os convidadas/os, a importância de cada debate proposto, etc. E lá vamos nós. A dificuldade nos batendo à porta a cada momento que as datas se aproximam. Movimentei alguns contatos em busca de ajuda que pudesse me auxiliar na construção e produção do

Sarará e nela encontrei o apoio que eu precisava, Caiene[25], que logo se prontificou a ajudar, até o momento alguns/mas artistas estavam analisando a proposta sem um retorno confirmando.

Angustiado e inquieto pelo pouco tempo que minha agenda me permitia, deixei muitos compromissos de lado, focando apenas no trabalho, no mestrado, no Sarará e na família, todos de grande importância. Minha mãe com sua saúde fragilizada passava por tempos difíceis, minha vó em seus problemas comuns da terceira idade, necessitando de meu constante auxílio, minhas aulas de Políticas Públicas abriam a minha mente para compreender mais a fundo a real necessidade do Sarará tanto pra minha comunidade, minha cidade, mas também para meu país, a necessidade de retratar o direito que foi-lhe tomado, das milhares de vidas assassinadas, violentadas, esquartejadas, escravizadas, negras e trans.

Bom o capitalismo não me permite caminhar além do que meus passos podem dar, fui incapaz de trazer a Juhlia Santos de Belo Horizonte, mulher trans negra, transfeminista, *perform*er, artista, que de bondoso coração aceitou o convite de vir a Porto Seguro apresentar seu trabalho cênico e participar de uma roda de conversa, mas que, por infortúnio, a vaquinha que tanto nos trouxe esperanças também nos trouxe péssimas notícias. Não havia atingido o suficiente para trazê-la, embora até um dia antes do Sarará tentamos, inclusive e principalmente com a solidariedade dos amigos, mas infelizmente não foi possível alcançar a quantia necessária para trazermos a Juhlia.

Outras apresentações artísticas enfrentaram outras diversas dificuldades e não puderam fazer parte desta edição, mas nem tudo estava perdido, Evandro Nunes apresentou sua expressão poética de forma linda no térreo na Abayomi Casa de Cultura. Logo após a banda *The Moniaz* se apresentaram com suas músicas um repertório bem eclético incluindo o funk, trazendo o agito para o evento. Jackie Chean com seu rapper transformou a noite tão esperada com sua musica em saudação as manifestações sócio-político-culturais as transgeneridades. Essa foi a primeira edição que não pude acompanhar as apresentações de perto,

Nessa segunda edição contei com a Caiene para me representar frente a produção, por motivos pessoais e de força maior tive que me ausentar. E como de se esperar o Sarará foi um sucesso, assim pude ouvir ressoar por toda a cidade. Dias depois procurei Caiene, e os integrantes do coletivo de pessoas que fazem parte da Abayomi Casa de Cultura, com a

[25] graduanda em Artes na UFSB

finalidade de pôr a par dos acontecimentos durante e depois da realização do Sarará, agradeci por todo apoio num momento de tanta fragilidade emocional. A realização dessa edição só foi possível com a sensibilidade e o envolvimento de todos/as, pessoas cis negras, trans brancos e negros, àqueles que viabilizaram a produção e àqueles que fortaleceram com suas apresentações artísticas. Todos/as juntos/as fortalecendo e contribuindo consolidando esse espaço de troca e encontros preciosos.

4.4. Minguante: uma pausa pandêmica

E o Sarará foi parar em São Paulo, SP – Terceira Edição. Acredite mal pude me conter tamanha alegria e felicidade, seguindo passos firmes, guiado pela minha orientadora que foi curadora da Encontra de Pedagogias da Teatra da MITsp 2020 (Mostra Internacional de Teatro de São Paulo), realizada no eixo pedagógico do evento. Ela enxergou a necessidade e importância da ocupação desses espaços para momentos reflexivos em torno das resistências de corpos não hegemônicos. Ao propor uma crítica aos padrões brancos e cisnormativos de produção de saberes.

Quem disse que o tempo é relativo, estava tão certo quanto o tempo que uma pandemia corre solta pelo mundo. Imagina a relatividade do ser em constante produção e eu aqui mergulhando em palavras soltas a dizer, estou no meio dessa loucura pandêmica, ileso ou metralhado, a qual pouco importa desde que o conteúdo dessas palavras façam sentidos, sentidos.

2020, não mais que o terceiro mês deste ano que já me cansa só de imaginar estou rodeado do vírus mais mortal que existe na face da terra e eu sou um deles. Grande homem, deveria bater palmas, hoje é exatamente décimo sétimo dia do mês de março desse fatídico ano de 2020, no miolo central da cidade mais populosa do país, São Paulo, onde ocorreu o primeiro caso de morte do covid-19. Tive o prazer de realizar o Sarará Trans há poucos dias, precisamente dia 11.03.20 no centro cultural de São Paulo através da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp), na sala Adoniran Barbosa, com sua arquibancada de 360º, dois níveis de arquibancada e uma enorme mesa de aparelhagem de som e iluminação, onde bem ali no centro estava pra acontecer o Sarará Trans, que pela sua primeira edição em um evento

internacional, pode receber seu primeiro cachê, ter apoio para realização, até cadeiras e água, se bem que quem comprou a água acabou sendo eu, mas ok!

Nem os sobes e desces de escada me tiravam a força e a vontade de que tudo desse certo, afinal teria a participação de pessoas que tanto admiro e tenho orgulho da posição que ocupam por serem mulheres, homens trans negros rompendo todos obstáculos do preconceito, do racismo nos mostrando que é possível e que existe esperança e que nossos sonhos é possível, meu nervosismo, ansiedade à flor da pele e uma gigantesca responsabilidade. Um roda de conversa com nada menos do que a Erica Malunguinho, primeira deputada transgênera negra do país, é uma responsabilidade e tanto, e como segurar a emoção diante disso tudo? Pois é, passei maus bocados quando um atraso não previsto aconteceu, a deputada em pleno meio de semana, teve um pequeno atraso de 30 minutos saindo do parlamento legislativo, é isso, segura a peteca e bora fazer acontecer, abrimos as portas não mais que 20 minutos de atraso, com algumas pessoas já a espera, pouco mais que 10 pessoas de início, Dodi Leal iniciou com uma verdadeira oração, texto da Linn da Quebrada, logo após apossei-me do assento a minha frente com microfone na mão, aquele primeiro impacto como quem não sabe se ri, chora ou grita de tanto nervosismo. Eu falei, falei algumas breves palavras apresentando a ideia do que se trata afinal o Sarará Trans ao propor uma crítica aos padrões brancos e cisnormativos de produção de saberes, sendo um espaço de reflexão e troca de práticas artísticas em torno das resistências de corpes não hegemônicos e falei da Abayomi Casa de Cultura que nos abraçou e nos enfeitiçou com sua coletividade, parceria entre pessoas ligadas pela arte em busca de movimentar a cultura dentro da periferia, um jovem e recém nascido Quilombo Urbano.

Erica Malunguinho falou-nos sobre a frente política, sobre uma história que tanto se repete de transfobia e também sobre vencer esses percalços da vida, Rosa Luz rompendo com o protocolo do Sararátrouxe além do belíssimo trabalho dela, a resistência com Cecilia Dellacroix, NattMaat e o DJ Joseph Rodriguez, que agitaram e trouxeram sua mensagem e sororidade estamos juntos nessa rompendo o CIStema patriarcado branco hegemônico. Erica Malunguinho retornou ao palco falando como tem sido o posicionamento dentro do legislativo e o que tem enfrentado, frente a frente com a Dodi Leal, enquanto eu checava se tudo estava bem entre as outras atrações artísticas, Dodi Leal por sua vez me convidou ao palco assim como também juntamente com a Erica Malunguinho que convidou o Sarará Trans a fazer uma edição no Aparelha Luzia, primeiro Quilombo Urbano dentro da grande São

Paulo e do país, Erica Malunguinho deu então alguns conselhos de como seguir em frente e fortificar os laços do pensar coletivo, do se envolver por um bem comum a todes. Como parte desse processo o Sarará teve a honra de também seguir a programação com o Jackie Chean, músico e produtor musical que sempre esteve presente desde a primeira edição do Sarará Trans, com o lançamento de seu novo trabalho, Preto Téo do Slam Marginalia com sua poesia e performance trouxe-nos suas poesias em loops assim como as Ilustrações da querida Marina Silvério que também trouxe-nos sua trajetória e sua performance, tivemos a nossa digníssima Danna Lisboa com seu gingado e alto astral no palco, com dançarinos/as de tirar o fôlego, trouxe-nos também algumas reflexões ao longo da apresentação sobre nosses corpes e um apelo a afetividade àqueles que não são tocades. Se eu acho que foi um sucesso? Não tenha dúvida as 50 pessoas em média que estavam nos prestigiando pelo menos 20 eram pessoas trans que estavam nos fortalecendo e dançando junto. O que espero para as próximas edições? Espero que muito mais pessoas se sintam acolhidas, e que façam parte desse coletivo abraçando esse cantinho com muito carinho, para que possamos acolher cada vez mais nossas manas e manos ao protagonismo de nossas histórias, nossas vidas e principalmente repensando novas metodologias de encontrar e dialogar com nossas corpas, corpes e corpos, pensando nas formas de resistência de corpes não hegemônicos.

Lembro que antes de chegar até São Paulo, eu pensava nas próximas edições, das pessoas que eu sonhava que pudesse está presente, planejava o que seria o Sarará daqui pra frente. Me lembro bem quando sentado no chão da cozinha de minha casa com dois/uas amigos/as, uma cisAliada e um boytrans, refletindo sobre as possibilidades da criação de uma rede de empresas que apoiam e empregam pessoas trans, contando com a cisAliada e seus contatos com diversas empresas poderia nos facilitar esse contato, pensei alto dividindo meus sonhos de fazer um cursinho em forma de banca para aquelas manas e manos trans que gostariam de retomar seus estudos e finalizar o fundamental e médio e quem sabe até alguns se interessasse pelo cursinho pré-enem que já formalizando a parceria com o cursinho que o Levante fornece.

É, me lembro bem que esses sonhos não serão apenas sonhos, quando retornar a Porto Seguro com todo o banho cultural, toda energia e apoio que aqui em São Paulo me carreguei. Renata Carvalho, Veronica Valenttino, Marina Mathey, Cecilia Dellacroix, Rosa Luz, NattMaat, Joseph Rodrigues, Ayo, Preto Téo, Jackie Jean, Iná Piê, Bibidibibi, Saboya, Jo Clifford, Travis Alabanza, Caz Angela, Ave Terrena, Phia Ménard, Alice Marcone, Gabrielle,

Thomaz, Victor Hugo, e todes outres que eu vou citar ao longo da dissertação, assim como anexos de suas próprias palavras quanto às experiências vivências junto ao Sarará Trans.

Vivenciamos agora uma pausa pandêmica enquanto me ponho a escrever, aos berros solidários ressaltando a importância das vidas negras entre lagrimas daqueles que perderam seus familiares e amigos, para as investidas social-politico-cultural opressora e violenta, desumana, racista e preconceituosa projetada em gênero, classe e raça.

5. PENETREI, E AGORA?

Penetrar nas vias e veias artísticas, se lambuzar dos gozos e gozadas arbitrarias teatrais, mistificando e desmistificando dogmas e estruturas projetadas pelo olhar cisnormativo, onde envolve processos artístico-pedagógico e o fazer curatorial, correlacionando com as indagações levantadas por Castiel em dialogo com Dodi Leal, no texto Crítica, cura e curadoria. O qual, Castiel crítica sobre o poder de cura e o fazer curatorial, questionando as limitações atribuídas ao curador, da narrativa construída acerca do autor/artista e sua obra.

> Por que estou aqui? Por que faz sentido minha presença aqui, com vocês? Por que fui convidada? Por que vocês querem me ouvir? Por que vocês querem me tocar e viver minha obra? Ano passado (2019) eu lancei um livro que se chama *Macumbas de Travesti, Feitiços de Bicha* e um dos títulos desse livro também é *Quando encontro vocês*. Mas, hoje, a pergunta que quero dizer é: Por que querem me encontrar? Pois, nesse desejo de encontro, não há nada de novo, e no que eu faço não há novidade. O que há é uma outra forma de fazer, aquilo que já se faz há uma centena de milhares de anos. É aquilo que se faz presente não só em nossa espécie *Homo sapiens sapiens*, mas também aquilo que acontece a partir de outros animais, vegetais e minerais. Outras vidas de outros reinos já fazem isso que estou fazendo, mas porque vocês querem justamente o que eu faço, da forma que eu faço, na particularidade que eu faço? Que desejo é esse? E quando chegam a mim, o que querem ouvir de mim? O que esperam de mim? BRASILEIRO, CASTIEL E LEAL, DODI (2021, p. 07)

Neste mesmo texto Dodi compartilha em sua fala.

> (...) mercado de arte que é um setor, e como você bem disse, tem uma carga de idealização tão grande que faz com que haja uma sustentação de grandes mentiras, a arte como uma grande mentira, onde supostamente não há racismo, transfobia, violência ou luta de classes porque somos artistas. A ideia de espaços de arte como museus. Hoje (na pandemia) a gente vem questionando e vivenciado práticas de espaço nas nossas próprias casas, ou onde for possível, onde a gente expande, rasga, troca e interage entre as redes. Talvez esses questionamentos sobre a espacialidade tenham outras dimensões também. BRASILEIRO, CASTIEL E LEAL, DODI (2021, p. 14)

Entre obra/artista e o processo de curadoria se dão a partir das forjas periféricas e marginalizadas em uso dos eixos artísticos nos processos de resistências sócio-político-culturais, evidenciando através do Sarará Trans as ocupações e fazer artístico como ação pedagógica transformadora. Oportunizando o protagonismo na negritude trans ser e poder expressar seu fazer artístico como forma de resistir as opressões auferidas aos mesmos e coletivamente. Como exemplo, as represálias e censuras artísticas.

Dos muros (in)visíveis da cisnormatividade ao poder de se expressar dos subalternos.

5.1. **O Evangelho Segundo Jesus, Rainha Do Céu: Jesus travesti**

As repressões artísticas condicionadas pelo cisnormativo estrutural no âmbito político-religioso de longa escala chega aos palcos de diversas direções, enquanto na ditadura a caça as travestis era a todo momento nas ruas, acrescidos de censuras nas telinhas, nos temos em tempos atuais nos deparado com as rebuscadas censuras e intolerâncias.

Desde o ano de 2016, ano de sua estreia, o espetáculo O Evangelho Segundo Jesus Rainha do Céu, dirigido por Natalia Mallo, protagonizada pela atriz Renata Carvalho, mulher trans, vem enfrentando diversas polêmicas e censuras. A discriminação, repressão, cancelamentos e diversos atravessamentos compõem o cenário de tais censuras ao interpretar uma Jesus trans. Comunidades cristã de todo o Brasil por onde o espetáculo passou, discursos odiosos e de repudio gerou diversos conflitos, ofendidos pelo fato de uma mulher trans representar o filho homem de Deus. Segundo SIRQUEIRA (2019) estaria expondo signos religiosos ao ridículo ao fazer de Jesus uma travesti, significaria macular sua santidade e relegar ao ridículo o próprio filho de Deus.

Condicionado pelo patriarcado hegemônico branco cisnormativo e o colonialismo religioso fruto da cultura patriarcal judaico-cristã. SIRQUEIRA (2019) ressalta uma reflexão do texto de Jo Clifford[26], onde afirma que somente um Deus que não é fruto de uma cultura patriarcal, mas de origem matriarcal, poderia aceitar todos/as como seus filhos, sem distinção e sem concessão. Para o cispatriarcal ao interpretar Jesus, torna-se um lugar digno de respeito e credibilidade qual uma mulher trans seria incapaz de ocupar.

5.2. **Verônica Decide Morrer: Por Muitas Verônicas**

[26] dramaturga, atriz e poetisa escocesa, Jo Clifford, escreveu e interpretou o texto o Evangelho Segundo Jesus, Rainha do céu

Dos palcos aos palcos a arte se faz presente, com o fazer musical, suas produções e liberdades poéticas, as linhas de produção musical vem se localizando num patamar diferenciado, com sua riqueza e melodia presenciamos o protagonismo da negritude trans como forma de protesto e denuncia às opressões vivenciadas pelas transgeneridades sociais-políticos-culturais.

Na musica Roxy Music da banda Verónica Decide Morrer[27] enfatiza das ruas aos palcos, as poesias, as narrativas de vidas. Histórias de vidas feitas de esquinas, de noites não dormidas, o aquer do dia e suas lutas noturnas, a música Roxy Music evidencia as paixões e ilusões, dos amores. Dos prazeres e das fantasias, dos fetiches daquelas que das ruas e noites sombrias encontram seu sustento, engolidas pelas noites barulhentas, se fazem vazias e solitárias, ao berço familiar que lhe foi arrancado ainda quando menina, hoje se faz mulher de muito desejo, carne cobiçada.

Dorme enquanto eu velo, baby
Nos seus sonhos vou entrar
Nas ruas da cidade triste
E esquinas de qualquer
Acorda enquanto eu já estou longe
A conta, eu deixei, pra você pagar
Dorme na cidade triste
E esquinas de qualquer lugar.
Oh Oh Oh...
Quando na noite, à rua, você for à procura...
(de um desejo realizar)
Abra bem os seus olhos, porque na rua...
(você também pode vacilar)
É lá que moram os segredos
O dono dos brinquedos
Pra ti satisfazer

Mc Dellacroix[28] traz em seu rap a feitiçaria das ruas do gueto, o sinônimo de ser trans, negro e periférico.

[27] https://veronicadecidemorrer.bandcamp.com/track/roxy-music
[28] https://www.vagalume.com.br/mc-dellacroix/quebrada.html

Eu tenho sangue nas mãos
Poder na veia que corre sangue do gueto
Sem freio
Palavras de cunho obsoleto
Meu corpo transita nas ruas da periferia
Isso me alucina, me apavora
Me abre feridas
Sociedade move lá fora
Quebrada: quebrada mas não ignora
Análise a sua mente
Agravante, delinquente
Egoísta que transita
Se esconde a luz do dia
Não permita!
Não julgue diferente
Sociedade move atrás
Eu na quebrada à frente
Seu desgosto, pertence
Dixava o aparente
Cria um novo ambiente
Contexto de muita maldade
Sem pretextos de igualdade
Sem apreço do 'empoderamento'
Em análise do fundamento
Com resquícios do capital
Estado laico sem moral
Não me deixa ser normal
O crespo intimida multidões
Capitões do mato sem reações
Reaças a parte do cistema
Travesty sem algema
Temer não é a solução
Nem a função do que diziamos em oração
É fácil perder a noção
Não é inovação
É alienação
Mas a solidão preta é real
Ninguém aqui é imoral
Junção do que foi real
Resistir passou a ser normal
Tem que ver pra crer
Doa a quem doer
Eu que não vou experimentar
Querer sofrer
Me intimidar
'in tei ra mente' suicídio do pensar
Não adianta se desculpar
É só me perceber
Começa a me julgar
Sem entender
Mãos justiceiras que nem Deus pode acreditar
Ele não vem me julgar
É só ter que se envolver
Mostrar que 'pretx' é chave no poder
Empoderamento para ser
Empoderamento para crer
A minha duvida era justamente que
Arte me move apenas pra entender
Seguir, viver
De um mundo que não sabe o que eu quero ser

Existir, resistir
E enfim morrer
Nem homem nem mulher
Apenas me reconhecer
Enquanto ser
Enquanto crer
Enquanto eu estiver viva pra ver

A voz como escudo e ponta de lança, adentra aos espaços mais inusitados, é ouvido e escutado, são dessas vozes que nossas histórias são categorizadas, rap, rock, funk, sertanejo, estamos adentrando os espaços, com nossas músicas e poesias, nossas vidas. Por muitas verônicas que na luta, nas marcas de sangue, das chibatas e das noites não dormidas, se fazem e se criam, solitárias e guerreiras.

5.3. **Café da Manhã com Poesia: Gozadas Poéticas**

"A auto-estima desceu para o estacionamento subterrâneo e se perdeu
Agora é apenas a imagem distorcida do meu reflexo e eu
As pessoas dizem que eu sou bonita
Mas não é essa a imagem que eu vejo no espelho refletida
A esperança morre a cada dia
Não sei mais se um dia terei uma família
Não penso mais se um dia terei uma filha
Se você não está entendo o que eu quero te falar
Deixe que agora eu vou me apresentar
Eu sou a que está nos lençóis, nos quartos de hotel
nas noites de terça-feira frias
Mas nunca a que está no cinema do shopping
nos domingos cheios de alegria
Eu sou a que não serve para ser amada
Muitas vezes que não merece ser beijada
Eu sou a que eles querem transar na madrugada
Prazer: sou mulher trans negra
E, mais do que a porra da Barbie, sou objetificada
Meu nome é Valentine
Nunca Valentina
Se quiser me encontrar, vai me achar num slam
Nunca numa esquina"

Nos palcos abertos, nas ruas e escadarias no slam Valentine Pimenta[29], reflete a sua realidade e resistência com sua poesia. Evidenciando a representatividade da poesia

[29] https://margens.com.br/2020/01/23/10-poetas-trans-para-voce-conhecer-especial-diadavisibilidadetrans/

consolidando as resistências e existências das dissidências sexuais e desobediências de gênero marginalizada e silenciada pelo cis-sistema etnociscentrista.

PASSO LARGO SEM FINAL

Em decorrer desse ensaio onde partilho minhas experiencias, apresentações e estudos em passos cautelosos meio a pandemia que vivemos e coexistimos com o corona vírus nos tempos de hoje, em pleno dia 15 de dezembro de 2021[30] vi e ouvi o choro e a perda de 617.348 pessoas, centenas e milhares de famílias desoladas por suas perdas em todo o país.

Apresento aqui as vias os tais resultados esperados ao longo da pesquisa, como um rito de passagem e significado momento, não de gloria, mas de resistência. Conforme as esperanças e o que é esperado.

Resultado esperado:

- Construção do Sarará Trans.
- Produção e realização do SararáTrans: sarau do protagonismo da negritude trans;
- Realização de debates na construção de saberes e engajamento da pretitude Trans;
- Analise literária, performática e musical como efeito social trabalhando o preconceito racial e as desobediências de gênero;

Para tal feito considerarei sete etapas de comprometimento ao cronograma:

1ª Etapa – Uma vivência e permanência etnográfica na Abayomi Casa de Cultura.
2ª Etapa – Realização do Sarará Trans.
3ª Etapa – Levantamento bibliográfico e leitura crítica do referencial teórico.
4ª Etapa – Processo de compartilhar materiais simbólicos, afetivos e informativos acerca das dissidências e desobediências de gênero.
5ª Etapa – Participação em eventos com apresentação de trabalhos acadêmicos.
6ª Etapa – Coleta de Material e analise.
7ª Etapa – Desenvolvimento de uma nova metodologia a partir dos eixos artísticos e pedagógicos nos processos de aprendizagem em torno da negritude trans.

ETAPAS	**Jul – Dez/19**	**Abr – Mai/20**	**Jun – Jul/20**	**Ago – Set/21**	**Nov – Dez/21**
Reformulação Do Projeto	**X**	**X**			
Realização Do Sarará Trans	**X**	**X**			

[30] Dados visualizados no dia 15/12/2021 a partir da pagina: https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/12/15/brasil-registra-227-mortes-por-covid-19-em-24h-segundo-o-consorcio-dos-veiculos-de-imprensa.ghtml

Leitura Bibliográfica	**X**	**X**			
Coleta De Dados No Campo De Pesquisa		**X**			
Participação Em Eventos Com Apresentação De Trabalho		**X**		**X**	
Fim Da Pesquisa De Campo		**X**			
Redação Final		**X**			
Depósito			**X**		
Qualificação			**X**		
Análise				**X**	
Redação Final					**X**
Revisão Do Texto					**X**
Depósito					**X**
Defesa					**X**

REFERÊNCIA

Butler, J., & Lourties, M. (1998, octubre 1). **Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista**. Debate Feminista, 18. 1998. Disponível em: https://doi.org/https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.1998.18.526. Acesso em: 22/02/2020.

BENEVIDES, Bruna G. e NOGUEIRA, Sayonara N. B. **DOSSIÊ: ASSASSINATOS E VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAI NO BRASIL EM 2018**. Publicado pela Antra, 2019. Disponível em: https://antrabrasil.org/2020/01/29/lancado-dossie-sobre-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2019/ . Acessado em: 08/02/20.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Dissertação de Mestrado, Feusp, 2005.

_____. **Negros De Pele Clara**. Portal Geledés. Disponível em: https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/ . Acesso em 18/10/2021.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. 2 ed. – Belo Horizonte, 2008. Editora Autêntica.

GONZALEZ, Lélia. **Pensamento Feminista: Conceitos fundamentais**. Organizado por: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. 1ª reimpressão – Rio de Janeiro, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Intelectuais Negras: Vozes que Ressoam**. Organizado por FREITAS, Viviane Gonçalves. UFMG, 2019.

_____. **Xica Manicongo: A Transgeneridade Toma A Palavra**. Revista Docência e Cibercultura, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 250-260, jun. 2019. ISSN 2594-9004. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/41817>. Acesso em: 14 out. 2021.

LEITE, Márcia Pereira. **A Faxina Étnica: Preconceito Racial E Racismo Institucional No Brasil**. Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: https://diplomatique.org.br/preconceito-racial-e-racismo-institucional-no-brasil/ . Acesso em 14/10/2021.

MUNANGA, Kabengele. **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanalise**. Organizado por KON, Noemi Moritz, ABUD, Cristiane Curi, Silva, Maria Lúcia da. – I ed. – São Paulo : perspectiva, 2017. Editora Perspectiva LTDA.

PINHO, O. & SANSONE, L. **Raça: Novas Perspectivas Antropológicas**. 2rd ed. rev. – Editora EDUFBA, 2008. Disponível em: http://books.scielo.org/id/3tqqd . Acessado em: 15/11/19.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade**. Traduzido por RIBEIRO Maria Paula Gurgel. – 1 ed. – São Paulo, 2014. Editora N-1.

_____. **Testo Junkie**. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 11, página 32 - 37, 2017. Disponível em: https://piseagrama.org/testo-junkie/. Acessado em: 13/02/2022

_____. **Um Apartamento en Urano: Crónicas del cruce**. – 1 ed. – Barcelona. Editorial Anagrama, S. A., 2019.

_____. **Quem defende a criança queer?** Traduzido por NOGUEIRA, Fernanda, artigo publicado no ano de 2013. Disponível em: https://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947. Acessado em: 28/06/2020.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** Capitulo do livro A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas, pubicado em: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales no ano de 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acessado em 28/06/2020

ROMANO, Lucia Regina Vieira. **Atue como uma mulher: pedagogias da atuação para mulheres cis e trans**. X Reunião Científica ABRACE, v. 20, nº. 1, 2019. Disponível em: https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4345 . Acesso em: 20/08/2021.

SANTANA, Bruno Silva de. **Trabalho de conclusão de curso de graduação em Educação Física**. UEFS, 2017.

_____. **Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades**. Organizado por RESTIER, Henrique e SOUZA, Rolf M. – 1 ed., 2018. Editora Ciclo Continuo.

SIQUEIRA, Elton Bruno Soares De. **O evangelho segundo jesus, rainha do céu: uma recepção ruidosa**. Anais IV DESFAZENDO GÊNERO. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/64174 . Acesso em: 09/10/2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2ª ed. - Rio de Janeiro: edição Graal, 1983. Coleção Tendências: v. 4

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

APENDICE

Ficha Técnica da 1º Edição do Sarará Trans